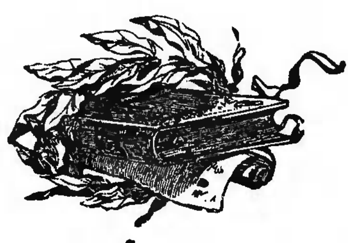
Francisca Julia da Silva

Livro da Infancia

COM UM PREFACIO

DO

Dr. Julio Cesar da Silva



São Paulo
TYPOGRAPHIA DO « DIARIO OFFICIAL »
1899

Ao sr. dr. João Baptista de Mello Peixoto

Em signal de amizade, consideração e respeito

OFFERECE

a — Auctora

PREFACIO

O presente livro é destinado ás creanças que já tenham feito seu curso elementar de leitura e se achem habilitadas a iniciar estudos menos faceis. Este livro é um repouso em que ellas venham descançar o espirito, é uma obra agradavel e duplamente apreciavel que, ao mesmo tempo que lhes ensina vocabulos sonoros e de uso menos vulgar, lhes desperta o gosto para leituras mais litterarias, para delicadezas de concepção e subtilezas de estylo.

Em geral, as obras deste genero, destinadas á educação da infancia, que correm mundo adoptadas em diversas escholas, são, com rarissimas excepções, incorrectas na fórma e na linguagem, e nas quaes, ao lado da frieza da narração, da infantilidade dos assumptos, da imperfeição dos versos e molleza na factura dos periodos, se encontram vicios, solecismos e defeitos de toda a especie. Outros livros ha, e poucos, que são mais ou menos perfeitos na correcção da linguagem ; mas, ou porque seus auctores tenham apenas em vista distrahir os estudantes com a graça e leve moralidade dos seus

contos e novellas, ou porque, e é o que parece mais natural, tenham pouco cultivo litterario, não accordam no espirito infantil certa elevação de sentimentos, que é exactamente o alvo que collima o presente trabalho.

Do merito litterario da auctora não é aqui o logar de falar: sabem-n'o sobejamente todos aquelles que têm acompanhado o extraordinario movimento litterario que se iniciou em nossa patria de uns annos a esta parte. Os contos e versos de que se compõe o Livro da Infancia são simples na fórma, fluentes na narração e escriptos no melhor vernaculo. Em baixo de cada pagina vem a explicação dos vocabulos menos conhecidos; nesse pequeno diccionario, que acompanha cada conto ou poesia, a auctora não dá ás palavras todas as intelligencias lexicas, mas só aquellas em que são vulgarmente conhecidas.

Estas explicações são feitas de um modo facil e comprehensivel.

Emfim, o Livro da Infancia ahi está; outros que o julguem tambem. Eu pelo menos julgo-o o melhor que póde haver no genero.

S. Paulo, Março, 1899.

Julio Cesar da Silva.

Livro da Infancia

ANACREONTE

Em Téos, na Grecia antiga, havia um poeta que se chamava Anacreonte.

Era velho, tinha os cabellos inteiramente brancos e as barbas anneladas[1] e longas, que lhe cobriam o peito e lhe davam um aspecto sympathico e venerando[2].

Era o homem mais feliz que havia. Como todos o amavam e o distinguiam com uma admiração sem limites, nada lhe faltava.

Sua habitação ficava á beira do mar, cujas ondas, na enchente, vinham até á sua porta, quebrando-se em espumas alvas.

Pela manhan, mal a aurora tinha nascido, as camponezas de Téos vinham em grupo trazer ao poeta o sustento do dia. Uma trazia um cântaro[3] de barro cheio de leite gordo, outra um púcaro[4] de saboroso vinho espumante e fructas de todas as qualidades; outra ainda um vaso de agua pura para as abluções[5] matinaes do poeta. Depois unctavam-lhe[6] as barbas e cabellos com oleos aroma-

1 *Anneladas*, em feitio de anneis; enroladas.
2 *Venerando*, que se deve venerar; digno de respeito.
3 *Cântaro*, bilha, vaso de barro de bocca larga.
4 *Púcaro*, vaso por onde se bebe agua.
5 *Ablução*, acto de lavar-se; lavagem.
6 *Unctar*, esfregar.

ticos, perfumavam-lhe os pés com myrrha[1] e sândalo[2], e esperavam, sentadas no chão, os agradecimentos do velho.

Anacreonte ficava em pé, magestoso na sua inspiração poetica, e, com largos gestos e voz grave, ia cantando as odes[3] que tinha composto durante a noite, fazendo-se acompanhar a uma lyra de prata, cujas cordas desferiam os mais melodiosos accordes.

As raparigas sahiam em seguida e atravessavam o campo em direcção ás suas casas, cantando as odes do poeta com suas vozes juvenis. Os camponezes, que não podiam ir fazer ao velho a visita matinal, porque os impedia o trabalho da lavoura, a creação das ovelhas e o fabrico do vinho, contentavam-se com vir ao encontro das moças, para ouvir dos seus labios as ultimas composições de Anacreonte.

Assim vivia elle, absolutamente feliz, querido e admirado por todos, preoccupando-se apenas com seus versos, indifferente a outros affazeres.

Polycrato, porém, tyranno[4] de Samos, curioso por conhecer o poeta, ouvir-lhe dos proprios labios a poesia das suas odes, mandou chamal-o.

Anacreonte, uma bella manhan, sobraçando[5] a sua lyra de prata encordoada de novo, com sua túnica[6] de púrpura[7] presa aos hombros, uma

1 *Myrrha*, planta e gomma aromatica.
2 *Sândalo*, arvore de madeira perfumosa.
3 *Ode*, composição poetica.
4 *Tyranno*, principe cruel.
5 *Sobraçar*, levar debaixo do braço.
6 *Túnica*, vestidura talar.
7 *Púrpura*, marisco de que se tira a côr vermelha; vestidura da mesma côr.

corôa de pâmpanos[1] e heras[2] em torno á fronte, embarcou numa galera[3], e partiu mar fóra.

Polycrato tinha ordenado que se preparasse um banquete real para festejar-lhe a recepção.

Anacreonte appareceu.

Todos os que estavam ao redor da mesa, onde se ostentavam[4] as mais extraordinarias iguarias, levantaram-se com as taças transbordantes e gritaram:

— Evohé! — que era o grito de satisfacção dos gregos.

Anacreonte, então, em pé no meio dos convivas, admiravel na sua roupagem de purpura, empunhou[5] o instrumento sonoro, arrancou um accorde e começou a entoar um hymno de louvor a Polycrato. Seus versos eram tão bellos, tão inspirados, sua voz tão clara, que todos estavam suspensos de admiração, embriagados de poesia. Polycrato approximou-se do poeta, curvou-se em signal de admiração ao seu genio, deu-lhe uma bolsa cheia de moedas de ouro, e disse-lhe:

— Toma esta bolsa; é tua; contém uma fortuna. Quero que sejas o homem mais poderoso de Samos. Amanhan cantar-me-ás uma ode egual a essa.

Anacreonte agradeceu. A' noite, quando se retirou para os seus aposentos, começou a pensar na fortuna que lhe pertencia, nas terras que havia de comprar á beira mar, plantadas de vinha,

1 *Pâmpano*, ramo de vide vestido de folha.
2 *Hera*, arbusto conhecido.
3 *Galera*, navio de tres mastros.
4 *Ostentar-se*, mostrar-se com orgulho.
5 *Empunhar*, tomar pelo punho; segurar.

nas ovelhas brancas pastando pelos outeiros [1], no cortejo [2] de escravos que havia de ter, na felicidade, emfim, que lhe dariam aquellas pesadas moedas de ouro. E não poude dormir, tal era a satisfacção de que se achava possuido.

Pela manhan tinha um aspecto doentio, os olhos amortecidos.

Procurou Polycrato e disse:

— Senhor! aqui está a vossa bolsa e o ouro que ella contém. Não a quero. Desde que a poesia bafejou minh'alma, ainda se não passou uma noite em que não compuzesse uma ode; hontem, porém, a riqueza que me déstes preoccupou tanto minha imaginação, que não consegui dormir nem compor a ode que me pedistes. Adeus. Quero partir para Téos, pobre como vim, porém feliz na minha pobreza. Para que servem fortunas? Nada me falta: tenho o bom leite, o excellente vinho, a agua fresca para as minhas abluções e a amizade dos meus vizinhos. Esta é a minha riqueza. Adeus.

1 *Outeiro,* collina, monte pequeno.
2 *Cortejo,* comitiva, acompanhamento.

REI PHANTASMA

(BALLADA ALLEMAN)

Quem é que cavalga[1] a esta hora, na escuridão da noite, sob a chuva que cai e o vento que uiva? As arvores agitam a folhagem descabellada, arrepiadas do terror da noite.

O velho passa apressadamente, apertando nos braços o filhinho amado, fazendo-lhe com o rosto e com as mãos um carinhoso abrigo.

— Occulta-me o rosto, pae.

— Para que queres que te occulte o rosto, filho?

— Não vês o rei envolvido em seu manto de purpura, brandindo o sceptro[2] como um louco?

— Não tenhas medo, filho, é uma nuvem e mais nada; é uma nuvem que estremeceu á furia do vento e se desfez em agua.

« Linda creança, vem commigo! vamos gosar as riquezas do meu reino, embriagar a vista no

---

1 *Cavalgar*, montar, andar a cavallo.
2 *Sceptro*, insignia real.

esplendor do meu ouro, correr os meus campos onde ha flores perfumadas e arvores vergando ao peso dos fructos».

— Pae, pae! não ouves o que o rei me promette em voz baixa?

— Não é nada, meu filho; é o vento brando que mumura[1] nas ramas e que resvala nas folhas, e mais nada. Filho, não tenhas medo.

« Creança linda, queres vir commigo? As minhas filhas são claras como a neve e têm cabellos louros como o sol; ellas te conduzirão á dança nocturna em companhia das fadas do bosque; ellas te ensinarão brinquedos nunca vistos e te farão passear numa barquinha azul sobre as aguas do lago. E tu has de adormecer ao seu canto e sonhar sob seus afagos».

— Pae, pae! Não vês as filhas do rei dançando lá em baixo na planicie[2], vestidas de branco, com os rostos escondidos nos cabellos?

— Meu filho, meu filho, eu vejo bem: são os salgueiros[3] distantes, embranquecidos de neve, que o vento agita e balança, e mais nada.

« Amo-te, bella creança; gosto do teu rosto pallido, dos teus olhos azues como o céu e dos teus cabellos negros como a noite; vem! quero levar-te commigo para deslumbrar-te[4] nas riquezas do meu reino. Si tentas resistir, arranco-te dos braços do teu pae».

---

1 *Murmurar*, falar em voz baixa.
2 *Planicie*, terreno plano.
3 *Salgueiro*, arvore.
4 *Deslumbrar*, cegar a vista com muita luz.

— Pae, pae! o rei me leva, o rei me arranca, o rei me mata. Livra-me, pae! elle é tão máu, elle é tão grande, elle é tão feio!

O pobre pae treme; fustiga o cavallo; atravessa a escuridão da noite sob a chuva que cai e o vento que uiva; aperta tanto o filho contra o peito que o suffoca.. Muito tempo depois, quando entrou em casa, tinha nos braços a creança morta.

AGUARELLA [1]

Cheio de folhas, humido de orvalho,
Fresco, á beira de um córrego [2] crescia
Joven pé de roseira em cujo galho
Uma rosa sorria.

O orvalho matinal, que o beija e molha,
Desce de cima em brancas nevoas finas.
E todo o pé salpica [3], folha a folha,
De gottas pequeninas.

Beija-o o perfumeo [4] zephyro [5] que passa,
O grupo de phalenas [6] que anda á tôa,
A borboleta clara que esvoaça
E o passaro que vôa.

Uma moça gentil sentiu anceio
De possuir a rosa e teve magua
De não poder colhel-a, com receio
De molhar os pés n'agua.

---

1 *Aguarella*, genero de pintura feita com tintas delidas n'agua.
2 *Córrego*, corrente, rio pequeno.
3 *Salpicar*, molhar espalhando gottas.
4 *Perfúmeo*, perfumoso, cheiroso.
5 *Zephyro*, vento brando, anra.
6 *Phalenas*, genero de borboletas noctnrnas.

A roseira agitou a coma[1] opíma[2],
Estremeceu, embriagada e douda,
Sob os raios do sol que lá de cima
A illuminavam toda.

A moça foi-se; o ar estava morno;
Mansamente o crepusculo[3] descia;
Uma abelha zumbiu[4] da rosa em torno;
Lento, expirava o dia...

Porém n'ess'hora a ventania brava
Que veiu do alto impetuosamente[5],
Arranca a flor do ramo em que se achava
E joga-a na corrente.

E a flor cahiu no meio do riacho;
Do vento rijo foi soffrendo o açoite[6],
E escorregando em prantos, agua abaixo,
Na tristeza da noite.

Nenhuma flor poude salvar-lhe a vida;
A' agua desceram, entretanto, algumas;
E a flor morreu aos poucos, envolvida
Num circulo de espumas.

1 *Coma*, clinas, folhas.
2 *Opima*, abundante.
3 *Crepusculo*, tempo medio entre dia e noite.
4 *Zumbir*, zunir, fazer sussurro como as abelhas.
5 *Impetuosamente*, com força, com violencia.
6 *Açoite*, látego, chicote.

O AÇUDE [1]

Viviam duas velhinhas em duas [2] cabanas vizinhas, construidas num campo extenso e cobertas de um colmo [3] tão verde que, de longe, se confundiam na côr geral da vegetação.

Alli passavam ellas sua existencia humilde, longe de toda a convivencia importuna, preoccupando-se apenas com o cultivo da sua horta e com o trato dos seus bacorinhos [4].

A' tarde sentavam-se juntas á soleira da porta, com o fuso na mão para distrahirem-se, e conversavam horas inteiras sobre a sua vida passada, rememorando episodios antigos, velhas recordações da mocidade.

Eram felizes na sua miseria; não lhes faltavam hervas para a alimentação do corpo e orações para a purificação da alma.

Uma dellas, porém, a que parecia mais moça, tinha um defeito — a preguiça. Abandonava-se durante o dia á preguiça, dormindo pelos cantos, esquecida do trabalho, de modo que muitas vezes era a sua vizinha quem lhe trazia o sustento.

---

1 *Açude*, obra de pedra para represar, prender a agua.
2 *Cabana*, choça, choupana.
3 *Colmo*, canna, palha de centeio, com que se faz telhado
4 *Bacorinho*, leitãosinho.

Suas casas tinham sido feitas por ellas mesmas numa planicie rasa, muito plana, por onde os ventos passavam livremente, refrescando a atmosphera.

Do lado do poente[1] havia uma collina de certa elevação, regada por um arroio fresco e limpido, que nascia no alto e escorregava pelo dorso da collina em pequenas catadupas.

Do lado opposto, um rico proprietario tinha construido um grande açude, onde se accumulavam[2] as aguas de um rio proximo, cercado por uma represa[3] de pedras. Essas aguas serviam nas sêccas do estio para a réga das plantações.

Um dia um caminhante que atravessava a campina veiu abrigar-se dos ardores do sol numa das cabanas onde as duas velhas estavam reunidas, a fiar.

E elle disse-lhes:

—Minhas velhinhas, é urgente que mudeis vossas habitações para o alto daquella collina, porque o açude está-se esboroando[4] aos poucos, póde partir-se a represa e a agua inundar este campo, matando-vos. Fugi daqui, velhinhas.

A mais velha, que era solicita[5] e prudente, respondeu:

—Amanhan me mudarei.

A outra, que era preguiçosa, contentou-se com sacudir os hombros, incredula, e disse:

—Veremos.

De facto, no dia seguinte, mal a manhan tinha despontado, já a velhinha estava tratando da sua

1 *Poente*, occidente; logar onde o sol desapparece.
2 *Accumular-se*, amontoar-se; ajuntar-se em monte.
3 *Represa*, detenção que se faz á agua; dique.
4 *Esboroar*, pulverizar, desterroar; fazer em pó.
5 *Solicita*, cuidosa, diligente.

mudança, arrancando os batentes [1] das portas, a palha do telhado, e pouco a pouco ia levantando, não sem pequeno esforço, sua nova habitação sobre a collina.

Depois de collocado tudo em seus logares, feita a cerca grosseira que prendia as suas aves e bacorinhos, installou-se descançadamente, livre de todo o perigo.

A outra, apesar das instancias [2] da primeira, deixou-se ficar em baixo, e, preguiçosa como era, ia adiando a mudança.

Uma tarde, quando o crepusculo descia e espalhava um aspecto de tristeza religiosa sobre a verdura dos campos, a velhinha, que estava sentada na soleira [3] da sua casa, no alto da collina, viu com espanto a represa de pedras que segurava as àguas do açude romper-se com estrondo, cahir, dando passagem a uma enorme massa d'agua. A agua cahiu, desceu e veiu galopando pelo campo, espumando e roncando, com uma força e impeto [4] a que nada poderia resistir. Tudo que encontrava na frente ia torcendo e arrancando.

A velhinha preguiçosa deitou a correr, os cabellos soltos, gritando de desespero. Coitada! A agua alcançou-a logo, envolveu-a com a sua espuma, arrastou-a nas ondas e levou-a, morta já, até á outra extremidade do campo.

Sua companheira, que tinha ficado ao abrigo do perigo, por ser cuidadosa e prudente, elevou as mãos ao céu num resignado gesto de supplica.

1 *Batente*, peça em que bate a porta ou janella.
2 *Instancia*, pedido insistente.
3 *Soleira*, limiar; pedra debaixo do portal.
4 *Impeto*, impulso, violencia.

OS DOIS MENDIGOS

Caminhava pela estrada real um moço de aspecto nobre, feições agradaveis, e trajava de maneira modesta, porém distincta.

Tinha os cabellos enrolados em anneis que lhe cobriam o pescoço, e um ar sympathico que condizia[1] bem com a graça natural da sua pessoa.

Seu principal encanto estava com certeza nos olhos claros, de uma expressão infantil, penetrados[2] da mais encantadora doçura.

Caminhava distrahidamente, os olhos fixos no chão.

Em sentido contrario vinham dois mendigos maltrapilhos[3], as roupas esburacadas, arrimados aos bordões, a cabeça cahida para a frente, como vergados ao peso dos annos. A edade e os soffrimentos tinham-lhes arrancado os cabellos, cavado grandes rugas na face e enfraquecido todos os musculos.

Como tivessem caminhado muito, tinham os pés inchados e humedecidos do sangue que ver-

1 *Condizer*, ter proporção, ter similhança.
2 *Penetrado*, embebido.
3 *Maltrapilho*, esfarrapado; mal vestido.

tiam ; sentiam fome ; estavam extremamente pallidos, os passos trópegos [1], os labios tremulos, de modo que nem podiam falar, mas apenas balbuciar [2] como as creanças.

O vento impiedoso impellia-os [3] para a frente, forçando-os a andar depressa e fazendo-os tropeçar nos calháus [4] da estrada.

Quando se approximaram do moço, cahiram de joelhos, mais por cançaço do que por desejo de implorar [5] a piedade, e gemeram ao mesmo tempo :

— Uma esmola, senhor.

O moço sentiu as lagrimas empannar-lhe [6] a vista e, penetrado de compaixão, apalpou os bolsos ; mas, como encontrasse apenas uma moeda, e a justiça divina manda que se distribua a esmola em partes eguaes, disse com malicia :

— Perdoae-me, pobres velhos, a vossa miseria sensibilizou [7] minh'alma e accordou soluços em meu peito ; porém não tenho um real para consolar vossos soffrimentos.

Os velhos levantaram-se.

O primeiro olhou o rapaz com mal contido rancor, os olhos intumescidos [8] de cólera [9], e gritou brandindo o bastão com a pouca de forças que lhe restavam :

---

1 *Tropégo*, que mal póde andar ou mover-se.
2 *Balbuciar*, gaguejar ; dizer mal as palavras.
3 *Impellir*, empurrar.
4 *Calháus*, pedras, seixos grandes.
5 *Implorar*, rogar, pedir.
6 *Empannar*, embaraçar, escurecer.
7 *Sensibilizar*, tornar sensivel.
8 *Intumescido*, inchado.
9 *Cólera*, raiva.

— Maldito sejas tu e malditos todos os teus; que o fogo devore a tua propriedade; que as aguas engulam a náu[1] em que embarcares; que teus affectos pereçam[2] e que um vento de desgraça passe sobre a desolação[3] da tua existencia!

E partiu.

O outro velho fitou com ternura a face do joven, e falou-lhe:

— Sê feliz, mancebo, que as minhas mãos tremulas possam tirar de sobre tua fronte as pragas do meu companheiro; que a tua propriedade seja firme, que as aguas sejam mansas na tua viagem e que a bençam do Senhor esteja sempre suspensa sobre tua cabeça.

Então o moço tirou do bolso a moeda de ouro e deu-a ao mendigo.

Assim devemos praticar sempre: nunca devemos dar esmola, principalmente quando o nosso dinheiro é escasso[4], sem observar si a pessoa que nos pede é merecedora da nossa piedade.

---

1 *Náu*, embarcação
2 *Perecer*, acabar, finar-se, morrer.
3 *Desolação*, ruina, estrago.
4 *Escasso*, curto, pouco, limitado.

EM FERIAS

Passeio os campos, ufano [1];
Rio-me das coisas serias;
Não ha melhor tempo no anno
Do que as ferias.

Adeus a estudos da classe!
Ao sino, que ás aulas chama!
De manhan, mal o sol nasce,
Deixo a cama.

O rosto lavo, contente;
Por todo o quintal galopo;
De gordo leite excellente
Bebo um copo.

Caminho campos em fóra;
Mal despertos, em seus ninhos,
Vou surprehender n'ess'hora
Passarinhos.

---

1 *Ufano*, altivo, arrogante.

Alguns têm medo do orvalho ;
Outros andam no ar, em bando ;
Outros mais, de galho em galho,
Passeando.

Colho das cercas as rosas ;
Enfeito-me de violetas ;
Persigo no ar as formosas
Borboletas.

Os cães, que passam por perto,
Monto de um salto, ligeiro,
E viajo, como esperto
Cavalleiro.

Eu as ferias aproveito
Sem me lembrar das leituras ;
Pratico a torto e a direito
Diabruras.

Passeio por tudo, ufano ;
Rio-me das coisas serias ;
Não ha melhor tempo no anno
Do que as ferias.

AS DUAS MOÇAS

Duas moças viviam em casa dos seus paes, numa aldeia quasi deserta onde todos eram egualmente pobres. Cada um era proprietario do seu proprio terreno donde tirava o sustento para a sua familia.

Os habitantes, ignorantes na sua simplicidade, não conheciam a riqueza nem a miseria. Si lhes falavam em palacios de architectura custosa [1], em luxo, carruagens e apparatos [2] de riqueza, elles riam-se, como si de facto estivessem ouvindo contos de fada ou novellas do outro mundo; quando lhes falavam em miseria, em horrores de fome, sorriam tambem, e diziam que não ha geira [3] de terra sem couve e couve que não alimente.

Este povo era tão simples, que dormia com as portas abertas, sem receio aos ladrões e malfeitores, porque não acreditava na existencia desta gente.

---

1 *Custosa*, sumptuosa, rica.
2 *Apparato*, pompa, ostentação, luxo.
3 *Geira*, medida de terra.

Estas duas moças é que estavam incumbidas do trabalho da casa, plantio [1] das hortaliças, creação das aves, porque seus paes já eram velhos e inaptos [2] para qualquer serviço.

Uma dellas, Rosa, quando toda a familia estava reunida ao redor da mesa, conversando sobre assumptos domesticos, como as proximas chuvas, a surribação [3] da terra, a peste das gallinhas, ergueu-se e falou assim :

— Meus velhos paes e minha boa irman, vou deixal-os por algum tempo; estou cançada desta vida monotona, sem futuro, desta pobreza geral, em que cada qual tem de trabalhar para comer; eu nasci para uma existencia mais luxuosa e de mais conforto [4], onde tenho carruagens para exhibir [5] a minha formosura, palacios para mostrar minha elegancia e leitos de seda e purpura para afogar minha preguiça. —Adeus.

Todos começaram a chorar, as faces escondidas nas mãos, suffocados pelos soluços.

O velho falou com amargura :

— Ingrata filha, vai; sê feliz; que os teus desejos se cumpram e que a fortuna espalhe riquezas pelo teu caminho, como um semeador lançando grãos sobre um terreno fértil; porém que as saudades de teus velhos paes, que abandonaste, e da pobre aldeia, em que nasceste, arranquem lagrimas aos teus olhos, suspiros ao teu peito e offegos [6] ao teu coração.

---

1 *Plantio*, plantação; acto de plantar.
2 *Inapto*, que não tem aptidão; incapaz.
3 *Surribação*, surriba; acção de preparar a terra ao redor das arvores.
4 *Conforto*, conchego; commodo na vida.
5 *Exhibir*, apresentar, mostrar.
6 *Offego*, respiração custosa.

Então a boa filha, que tinha ficado, depois de abraçar os paes, prometteu-lhes com amor que nunca havia de abandonal-os, que havia de ficar sempre na companhia delles, como um consolo á sua velhice.

Os tempos passaram. Um dia um rico lavrador, moço ainda e extremamente bello, passou por essa aldeia, enamorou-se desta pobre rapariga e pediu-a em casamento.

Os velhos consentiram. Era a felicidade esperada por tanto tempo, que lhes entrava em casa. Enriqueceram.

E Rosa, que fôra tentar fortuna, voltou mais pobre ainda, coberta de andrajos [1], os pés descalços.

Os paes, quando a viram, abraçaram-n'a chorando, sensibilizados pelo aspecto humilde das suas roupas e da sua physionomia.

E perguutaram-lhe :

—Onde está tua riqueza, Rosa?

—Na experiencia, meus bons paes, na miseria que soffri, na fome que me devorou as entranhas. Si eu soubesse dos soffrimentos por que havia de passar, não vos abandonaria e deixava-me ficar comvosco. Os meus soffrimentos datam da minha partida: a riqueza das donzellas está no carinho dos seus paes.

1 *Andrajos*, farrapos, trapos; roupas de mendigos.

A BORBOLETA

Na talisca [1] de um velho muro coberto de limo e vegetações bravas, estava occulto o casúlo [2] de uma lagarta.

Todos os que passavam por alli paravam a contemplar as ruinas do muro, o viço das plantas que cresciam em cima delle, colhiam ás vezes alguma flor silvestre [3], vermelha ou azul, muito fresca de mocidade que, vicejando [4] sobre a velhice das pedras, tinha o aspecto de um sorriso de alegria no rosto enrugado de um velho.

E ninguem descobria o pequeno casúlo escuro, escondido numa fenda, ao abrigo das vistas do passeante e das violencias do tempo.

Elle alli estava ha muitos dias, immovel, suspenso a uma folha sêcca, servindo de habitação á chrysalida [5].

Uma manhan, emquanto as primeiras manchas de sol iam dourando a brancura das nuvens e os

---

1 *Talisca*, greta, fenda; abertura nos muros ou nas pedras.
2 *Casúlo*, novello; bolsinha que envolve a lagarta.
3 *Silvestre*, do matto.
4 *Vicejar*, estar viçosa a planta; crear viço.
5 *Chrysalida*, lagarta no casúlo, antes de sahir borboleta.

passarinhos cantavam nas ramas, o casúlo rompeu-se. Pela abertura a borboleta enfiou a cabecinha, olhou em torno, com receio da luz, e escondeu-se de novo. Em seguida appareceu, extendeu as delgadas [1] perninhas para fóra do casúlo, sahiu, sacudiu as azas ainda entorpecidas [2] de somno, respirou o ar puro, e voou.

Era uma grande borboleta de azas brancas, ornadas [3] de traços azulados.

A pricipio, como não estava habituada aos movimentos do vôo, andou se batendo pelas paredes, embriagada de luz.

Voava de flor em flor, pousava de folha em folha, numa impaciencia de correr, atravessar os ares e conhecer todas as difficuldades do vôo.

Coitadinha! mal podia suster-se [4] nas pernas!

Mas o sol, que já tinha apparecido de todo, e inundado o campo de luz, seccou-lhe as azas.

Ella sentiu-se melhor; abriu as azas, tentou o vôo e rompeu o ar com uma rapidez de setta; correu o campo inteiro em todos os sentidos, rodeou todos os arbustos [5], aspirou [6] o perfume de todas as plantas e veiu de novo, equilibrando-se no ar, em movimentos vagarosos, um pouco fatigada pelo esforço.

1 *Delgada*, franzina, delicada.
2 *Entorpecida*, adormecida; sem movimento.
3 *Ornada*, enfeitada.
4 *Suster-se*, sustentar-se, equilibrar-se.
5 *Arbusto*, planta; arvore pequena.
6 *Aspirar*, sorver o ar com a bocca.

Pousou em cima do velho muro, e a todos que passavam provocava com seus movimentos ligeiros, muito vaidosa da sua belleza, abrindo e fechando as grandes azas como um leque de plumas, ou voava de novo a uma grande altura e ficava suspensa no ar, illuminada de sol.

E á tarde, quando o crepusculo veiu descendo, ella teve medo da noite, e andou tonta, voando na corrente das brizas, em procura da luz.

O GRILLO E A BORBOLETA

Perto do seu abrigo,
—Um pequeno covil[1] recondito[2] e isolado—
Sobre um raminho de herva, em cócoras pousado,
Raminho que se dobra ao peso seu, tranquillo,
Ergue tiples[3] subtis um pequenino grillo.
Um broto, um grão de trigo
Talvez, é quanto basta
Para satisfazer-lhe a fome; é bem ditoso.
A sua habitação parece-lhe uma vasta
Camara[4] que lhe serve, á noite, de repouso.
Mas uma borboleta
Que por alli passeia, aligera[5] e inquieta
Satisfeita, a expandir[6] seu humor vagabundo,
Diz-lhe:
«Que alegre estais, meu amiguinho esperto!
O Deus vos fez, de certo,
O insecto mais feliz dos insectos do mundo!
Vossa vida é rizonha?

---

1 *Covil,* toca; buraco onde vivem bichos
2 *Recondito,* occulto, escondido.
3 *Tiples,* trillos; vozinha dos insectos.
4 *Camara,* alcova, quarto, aposento.
5 *Aligera,* ligeira, lépida.
6 *Expandir,* extender, dilatar.

Cantais. .Emtanto creio e affirmo, convencida,
Que invejoso não sois, embora a vossa vida
Seja um pouco enfadonha.
Vêde: eu que vivo á tôa, em liberdade infinda [1],
Livremente voando,
De flôr em flôr sugando
O delicioso mel que os labios meus adoça,
Procuro o goso em vão; não encontrei ainda
Felicidade assim que se compare á vossa».

« Amiga, diz o grillo ao lindo insecto louco,
Não está no prazer nem nos vossos adejos [2]
A ventura dourada:
Contentar-se com pouco,
Moderar os desejos,
Para se ser feliz não se requer mais nada».

---

1 *Infinda*, sem fim; infinita; que não se acaba.
2 *Adejos*, movimento de azas para voar.

A INVEJA

Havia um homem, extrêmamente invejoso, que não tinha conseguido ainda arranjar fortuna, apesar dos esforços que fazia, do trabalho diario e das economias.

Este homem, desde que ficou só no mundo, sem o amparo [1] de seus paes, que tinham morrido, entregou-se ao trabalho; mas como nunca foi honesto e emprehendia [2] tudo com má fé e malicia, não poude prosperar [3], de modo que todos, que deviam auxilial-o, evitavam-n'o e negavam-lhe apoio.

Seu principal defeito era a inveja.

Invejava a felicidade de todos, e a todos desejava mal. Si o seu amigo prosperava, cercava-o de pequenas intrigas, maculava-lhe [4] a reputação até vel-o empobrecer.

Um dia, cançado dos soffrimentos e humilhações por que tinha passado até então, revoltado contra a sorte que lhe era tão adversa [5], mudou

---

1 *Amparo*, arrimo, protecção, abrigo.
2 *Emprehender*, começar uma cousa.
3 *Prosperar*, enriquecer.
4 *Macular*, manchar.
5 *Adversa*, contraria, opposta.

de terra para recomeçar a vida. Empregou-se na casa de um rico moleiro.

Sua occupação era pastorear[1] as ovelhas, tomar conta do selleiro á noite, evitando a voracidade dos ratos que tudo destruiam. Trabalho suave esse, que lhe rendia algum dinheiro e um tratamento relativamente bom, porque o seu patrão era generoso. Assim viveu elle por muitos dias, feliz, alimentando-se bem e fazendo as economias a que estava habituado.

A inveja, porém, começou a dominal-o de novo, a envenenar-lhe a alma, obrigando-o a revoltar-se contra a crescente prosperidade do seu amo. A' noite, fechado em seu quarto, estorcia-se[2] no leito, espumava de raiva, phantasiava altercações[3] com o moleiro, dirigia-lhe improperios[4] e a inveja ia-o tornando máu cada vez mais.

Dahi em deante, já se não importava com o trato das ovelhas, deixando que se desgarrassem[5] do rebanho ou que morressem de peste por falta de cuidados. Agitava a agua da azenha,[6] tornando-a suja. Abria a porta do selleiro para dar estrada aos ratos.

Tudo isso elle fazia no intuito[7] de empobrecer o moleiro, fazendo-lhe esses males, causando-lhe prejuizos diarios. Mas o proprietario, que já tinha percebido os máus sentimentos do

1 *Pastorear*, tomar conta do gado no pasto.
2 *Estorcer-se*, torcer-se.
3 *Altercação*, disputa, questão; briga de palavras.
4 *Improperio*, injuria, insulto.
5 *Desgarrar-se*, fugir ou afastar-se do rebanho.
6 *Azenha*, moinho d'agua.
7 *Intuito*, intento.

seu empregado, e observado a sua inveja, chamou-o á sua presença e falou-lhe duramente:

—Tu és um máu homem; a principio conseguiste illudir-me com tua falsa solicitude [1], com teu fingido amor ao trabalho; agora te conheço melhor, porque de uns tempos a esta parte tenho observado a baixeza de tua alma e a inveja de que está penetrada. De hoje em deante ficas dispensado do serviço da minha casa. Vai com Deus.

E despediu-o, depois de lhe haver pago o que lhe devia, dado alguma roupa e conselhos uteis de moral.

O nosso homem sahiu, de cabeça baixa, coberto de vergonha e humilhação.

E jurou vingar-se.

A noite tinha cahido de todo. Não havia uma estrella no céu. Tudo era propicio [2] para a realziação dos seus designios [3] criminosos.

Armou-se de um punhal e encaminhou-se para a casa do moleiro.

Tudo, porém, estava fechado, e elle receava acordar os cães, que eram bravos.

Então, mudando de estrategia [4], resolveu vingar-se de outro modo: quebrar a roda do moinho.

E partiu, pé ante pé, de cócoras, para confundir-se com o matto e approximou-se do moi-

---

1 *Solicitude*, diligencia em fazer qualquer coisa.
2 *Propicio*, favoravel, benigno.
3 *Designio*, tenção.
4 *Estrategia*, arte, malicia de fazer qualquer cousa.

nho para quebrar-lhe a roda. Como era dotado de muita força, agarrou num dos raios, suspendeu-se, e, com o auxilio dos pés, pensou quebrar um por um todos os raios; estava nesta posição quando um grosso jacto [1] d'agua se desprende de cima, apanha a roda, fal-a virar impetuosamente, e mata o desgraçado sem lhe dar tempo de gritar por soccorro.

No outro dia, quando o moleiro soube do occorrido [2], ergueu os mãos ao céu e rogou a Deus repouso para a alma daquelle infeliz.

1 *Jacto,* arremesso.
2 *Occorrido,* acontecimento.

CALMA NO MAR

O céu está todo azul, de uma transparencia de espelho ; apenas uns farrapos [1] de nuvens brancas maculam de longe em longe a limpidez [2] do céu e ondulam [3] soltas, como bandeiras.

O mar, em baixo, tem movimentos vagarosos e regulares.

O navio, soltas as velas ás auras [4] marinhas, vai resvalando de manso á flor das aguas.

Os marinheiros, no topo [5] dos mastros, olhando a terra que se afasta aos poucos e se vai sumindo á proporção que a náu caminha, cantam em coro, alegremente, suas rudes e melancolicas balladas repassadas da mais dorida saudade.

---

1 *Farrapos*, andrajo, trapo.
2 *Limpidez*, pureza.
3 *Ondular*, ondear, fazer ondas : mover-se como ellas.
4 *Aura*, zephyro, vento brando.
5 *Topo*, ponta.

INVERNO

Inverno. A neve fluctua [1],
Cai sobre tudo e se espalha
Como uma branca toalha
Sobre a estrada immensa e nua.

O vento causa arrepio
Aos medrosos passarinhos,
Que se encolhem em seus ninhos
Desesperados de frio.

O vento assovia e chora;
Ha como um côro de maguas
No borborinho [2] das aguas
Que descem campina fóra.

Mata a neve cada arbusto,
Rola dos ares, desfolha
As arvores, folha a folha,
Que se arrepiam de susto.

---

1 *Fluctuar*, vagar; andar á tona.
2 *Borborinho*, murmúrio, barulho, sussurro.

No céu ha nuvens sombrias [1];
As roseiras das estradas
Estão todas desgalhadas
A' furia das ventanias.

O inverno é feio e inclemente [2];
Um velho mastim [3] vadio
Todo transido [4] de frio
Uiva ao céu sinistramente [5].

Não ha calor nem conforto ;
Não ha rumor nem gorgeio ;
Tudo parece tão feio !
Parece que tudo é morto !

De neve tudo coberto ;
Os ventos correm, ás doudas [6];
Das quatro estações, de todas,
O inverno é a peor, de certo.

A neve desce, fluctua,
Cai sobre tudo e se espalha
Como uma branca toalha
Sobre a estrada immensa e nua.

---

1 *Sombria*, escura, carrancuda.
2 *Inclemente*, que não tem clemencia; impiedoso.
3 *Mastim*, cão grande; molosso.
4 *Transido*, esmorecido.
5 *Sinistramente*, de modo sinistro; que causa medo.
6 *A's doudas*, doudamente, furiosamente.

A ESPERANÇA

A crença mythologica [1] nos conta que os povos antigamente eram felizes, viviam na maior harmonia, sem guerras nem disputas. O mundo era composto de uma só familia, onde todos se amavam egualmente e estavam unidos por um affecto fraternal.

Não havia a pobreza, porque a terra, como uma mãe carinhosa, produzia fructos para o alimento de todos. Não se conheciam os ardores do verão, os rigores do inverno, nem a ameaça das tempestades; uma primavera continua refrescava os ares, animava a verdura dos campos e fazia nascer os fructos. Os animaes viviam da mesma fórma; os passaros com os reptis [2], as ovelhas com as feras.

Desta maneira todos se sentiam absolutamente ditosos.

Jupiter [3], porém, possuia uma boceta, que estava fechada, e que continha todos os males que a humanidade soffre actualmente.

---

1 *Mythologica,* da mythologia, religião dos povos antigos.
2 *Reptil,* cobra.
3 *Jupiter,* pae dos deuses antigos.

Nella estavam occultas a amargura, a guerra, a peste, a fome, o assassinio, a ingratidão e todo o genero de soffrimentos a que o homem está sujeito.

Um dia, Jupiter, tendo de descer do Olympo [1] com o fim de visitar a terra, como não quizesse abandonar a boceta á curiosidade dos outros deuses, chamou Pandora e falou-lhe assim:

—Toma esta boceta. Ella contém toda a especie de males creados pelas forças infernaes; si a abrires, a humanidade ha-de soffrer eternamente. E' porisso que t'a confio, na certeza de que saberás guardal-a com o maior cuidado, não só pelo respeito que deves ás minhas ordens, como pela piedade que te inspira a fraqueza humana.

E entregou-a a Pandora.

Esta deusa guardou a boceta durante muito tempo; mas como era excessivamente curiosa, resolveu abril-a.

Abriu-a.

A principio escapou a guerra: logo os homens começaram a inventar os punhaes envenenados, couraças [2], lanças, settas e toda a variedade de armas de defesa, para, quando fosse occasião, marchar para o campo da batalha e escravizar os povos vencidos.

A peste abateu os soldados; as lagrimas humedeceram os olhos das mulheres; o falso amigo escondeu no seio o punhal assassino; o filho ri-

1 *Olympo*, habitação dos deuses da mythologia.

2 *Couraça*, armadura com que se vestiam os soldados para proteger o peito.

dicularizou a velhice dos paes; e assim por deante os males foram sahindo da boceta encantada, espalhando-se pelo mundo, accordando sentimentos máus nos corações e derramando por toda a parte a desolação e o lucto.

Pandora sentiu remorsos nesse instante e fechou a boceta.

Todos os males, porêm, já tinham sahido excepto um: a esperança.

A esperança ficou no fundo, escondida, para consolar as maguas e animar o mundo; de modo que, por mais infelizes que nos julguemos, sempre nos resta a esperança de alcançarmos uma felicidade futura, um suave descanço para as nossas tristezas e um consolo para as nossas afflicções.

O TROVADOR

(BALLADA SCANDINAVA)

—Que é que ouves á porta, ó pagem louro?

—Rei, é um velho de barbas brancas e cabellos longos, que empunha um instrumento de cordas, de que tira celestes harmonias e musicas sonoras.

—Faze-o entrar, lindo pagem, e dize-lhe que venha cantar sob meu throno, na presença dos meus vassalos [1], as melancolias de sua alma.

«Viva, poderoso rei! em tuas mãos está o sceptro d'ouro deante do qual se curvam os cortezãos [2] e todos os validos [3] do reino; ao teu mando os exercitos se movem, como servos submissos, obedientes, aos caprichos do teu desejo.

Saude, nobres senhores! em vossos peitos se ostentam condecorações de honra e medalhas de valor, adquiridas no serviço do rei ou ganhas nos campos da batalha. Urrah, formosas damas!

---

1 *Vassalo,* subdito do soberano.
2 *Cortesão,* palaciano; homem da corte.
3 *Valido,* poderoso, robusto.

vós inflammais [1] os peitos dos jovens e despertais em suas almas as mais extranhas aspirações [2] de gloria.

Eu sou um pobre velho, curvo ao peso dos annos, experimentado nas lides [3] da miseria, que anda pelo mundo despertando nos corações alheios as amarguras adormecidas».

—Canta, trovador.

O velho fechou os olhos e entoôu um canto triste. arrancado ao fundo de sua alma. Os homens abaixaram a cabeça para esconder as lagrimas que lhes subiram aos olhos; as moças tremeram á vibração do instrumento e choraram ao echo das suas notas.

O rei, a quem o canto era dirigido, levou aos olhos a ponta do manto, enxugou uma lagrima sentida e disse:

—Velho, desde que subi ao throno sobre o qual se sentaram meus antepassados illustres [4], acostumei-me a assistir ás dores de outrem de olhos enxutos e coração fechado. Na guerra vi meus amigos e companheiros de infancia cahir crivados de balas ou rasgados pelas lanças. A fonte do meu pranto está sêcca. Mas tú, velho, após tantos annos de odiosa indifferença, conseguiste, com as harmonias do teu canto, humedecer a rugosidade das minhas palpebras com algumas gottas de saudosa lagrima. Toma esta barra [5] de

1 *Inflammar*, accender o fogo; atear.
2 *Aspiração*, desejo ancioso; vontade elevada.
3 *Lide*, combate, disputa.
4 *Antepassados*, avós.
5 *Barra*, pedaço de ouro.

ouro; é mais pesada que o bastão a que te arrimas[1].

—Obrigado, bom rei! Agradeço o teu ouro. Quero apenas um pouco de alimento para matar a minha fome e um copo de agua fresca para[2] lenir a minha sede.

—Servos, dae ao velho o resto do meu banquete.

O trovador sacia-se nas iguarias reaes.

—Obrigado, bom rei! Que a lagrima que derramaste te faça lembrar do trovador humilde. Dá-me agora a liberdade; quero sahir, para continuar no silencio da noite, sob o fulgor das estrellas, minhas tristezas interrompidas.

---

1 *Arrimar-se*, encostar-se.
2 *Lenir*, aliviar, abrandar.

OS DOIS VIAJANTES

(Fabula de Florian)

O João e o José, em franca intimidade,
Encaminham-se, a pé, á proxima cidade.
Por acaso, José, a andar de vagarinho,
Acha uma bolsa de ouro á beira do caminho.
Mas antes que José com o dinheiro se muna,
Diz João: «Para nós a próspera [1] fortuna!»
«Não, responde José, essa escola não sigo:
Para *nós*, não senhor; mas para *mim*, amigo.»
João nada mais diz. Mas nesse mesmo instante,
O compadre José vê, com terror, deante
De si, muitos ladrões ferozes, destemidos [2];
Ao vel-os, diz: «João, nós estamos perdidos»!
Ora, emquanto um ladrão, se vai chegando, quasi
A empolgar [3] o José, João, plagiando [4] a phrase
Do companheiro, diz. «Essa escola não sigo:
Nós, não senhor; mas *tu* perdido estás, amigo.»

---

1 *Prospera*, feliz, venturosa.
2 *Destemido*, forte; que não teme.
3 *Empolgar*, agarrar nas unhas, tomar com força.
4 *Plagiar*, imitar, arremedar.

Acto continuo [1], fóge. O avaro [2] companheiro
Vê-se obrigado a dar aos ladrões o dinheiro,
E maldiz de João a comica chalaça [3].

Quem só trata de si, quando a fortuna é boa,
Jamais encontrará quem de si se condôa [4],
Quando vier a desgraça.

---

1 *Acto continuo*, no mesmo instante; immediatamente.
2 *Avaro*, avarento, mesquinho.
3 *Chalaça*, dito grosseiro.
4 *Condoer-se*, doer-se, ter pena, sentir dó.

O ABYSMO

(PARÁBOLA)

Certo velho mostrava ao filho uma pequena medalha de bronze que tinha suspensa ao peito e que guardava, ha muitos annos, com religioso carinho.

E disse :

—Esta medalha que vês, meu filho, de aspecto insignificante, feita de metal tão commum, não a daria eu por uma bolsa de ouro nem pelas glorias terrenas a que a vaidade aspira tanto. Amo este objecto como a um filho dedicado [1] e á noite, beijo-o com fervoroso [2] carinho.

—Mas porque é que amas esta medalha, meu Pae? Ella é tão feia!

—Não sei si ella é feia; sei apenas que ella é um symbolo [3] que constitue para mim a mais cara recordação da minha vida. Ha tempos, o unico amigo que tive, unico companheiro da mi-

---

1 *Dedicado,* que tem dedicação; affectuoso.
2 *Fervoroso,* férvido, activo.
3 *Symbolo,* signal hieroglyphico que dá a conhecer alguma cousa.

nha miseria, deu-m'a no leito de morte, depois de a ter beijado, e morreu. Ao expirar, agarrou-me as mãos, abriu muito os olhos e parece que soltou por elles todo o extremoso [1] amor com que me amava. Meu primeiro e derradeiro amigo! Quem me déra tel-o ao meu lado, hoje que a fortuna entrou em meu lar!

—Comprehendo agora, meu Pae, porque esta medalha te é tão cara. Eu, porém, fosse qual fosse a recordação que ella me trouxesse ou o symbolo que representasse, não a amaria nunca.

—Porque, rapaz?

—Por ser muito feia e eu só gosto das coisas formosas que agradem á vista.

Então o pae falou:

« Nunca devemos amar as coisas ou pessoas só pelo aspecto externo que as reveste [2]: devemos penetrar-lhes no fundo, estudar-lhes o intimo [3] a ver si essas pessoas têm qualidades nobres ou essas coisas qualidades que as valorizem [4]. Muitas vezes um bello homem, trajado como um fidalgo, apparentando os mais elevados sentimentos, occulta uma alma ruim, carcomida [5] de vicios e envenenada de remorsos; outras vezes encontrarás num homem humilde, coberto de andrajos, mostrando toda a pobreza em que vive, um coração

1 *Extremoso*. excessivo, desvelado, carinhoso.
2 *Revestir*, vestir, cobrir.
3 *Intimo*, interno, fundo.
4 *Valorisar*, dar valor, apreço.
5 *Carcomida*, roida, apodrecida.

nobre, cheio das mais santas delicadezas de sentimentos.

Vou-te contar, pois, uma pequena historia de que poderás tirar algum proveito mais tarde.

Dois amigos seguiam por uma estrada, a passo, muito satisfeitos com sua existencia. Chegaram a um logar onde a estrada se dividia ; de um lado ficava um sinuoso [1] atalho [2] e do outro uma entrada de bosque sombreado de arvores floridas.

—Eu, disse o primeiro, sigo pelo atalho, que é descoberto ; poderei prever qualquer perigo.

—Eu, respondeu o segundo, vou pelo bosque gosar a frescura das folhagens e o aroma das relvas.

Separaram-se.

O primeiro caminhou adeante sem embaraço nem perigo.

O segundo entrou no bosque. O solo era todo coberto de uma grama verde e fresca e por cima a galharia [3] das arvores trançava-se fazendo um tecto meio escuro, por onde a luz se coava brandamente. Deu alguns passos avante; mas, quando foi pisar a relva, o solo faltou-lhe e o desgraçado rolou e desappareceu num abysmo que se abriu.

---

1 *Sinuoso*, tortuoso ; que faz voltas.
2 *Atalho*, caminho estreito.
3 *Galharia*, porção de galhos.

Eis a minha historia, meu caro filho.

Nunca te deixes arrastar só pelo aspecto das coisas; os abysmos e os despenhadeiros [1] são sempre cercados de flôres e vegetações formosas; mas si te approximares dellas para gosar de perto a frescura perfumosa das flores, encontrarás a morte adeante e nem tempo terás para o arrependimento dos peccados.

1 *Despenhadeiro*, precipicio.

NAUFRAGIO

Nuvens grossas, negras, vão-se accumulando[1] no céu escurecendo-o todo.

O mar está agitado; as ondas levantam-se a uma grande altura, dobram sobre si mesmas e caem pesadamente com um ruido medonho; á tona apparece um lençol de espumas brancas.

O vento, humido e cortante, passa em uivos, em arrancos, revolvendo as aguas, agitando-as cada vez mais.

O navio segue; as velas palpitam intumescidas[2]; a cordoalha[3] embaraça-se. O terror está pintado no rosto de todos os tripulantes[4] Ha um desespero geral; supplicas interrompidas, gritos de medo e gestos de revolta.

A tempestade desencadeia-se.[5]

1 *Accumular-se*, juntar-se em monte; amontoar-se.
2 *Intumescida*, inchada.
3 *Cordoalha*, as cordas que prendem as velas e petrechos do navio.
4 *Tripulantes*, passageiros de uma embarcação.
5 *Desencadsar-se*, soltar-se com furia.

Uma onda, alta como uma montanha, que vem correndo impetuosamente, apanha o navio, envolve-o todo e abate sobre elle com todo o seu peso.

Embarcações e tripulantes desappareceram; apenas, de longe em longe, fragmentos [1] de madeira boiando e alguns náufragos [2] que surgem á flor d'agua no desespero da morte.

1 *Fragmentos*, pedaços.
2 *Naufragos*, pessoas que perecem no naufragio.

DE VOLTA DA GUERRA

Aqui me vou.... Quanta afflicção me invade!
Andando a passo, vagarosamente...
Que angustiosa, que intima saudade
Da minha gente!

O céu é negro, o passaredo [1] mudo,
O ambiente[2] que me envolve é tão pesado!
Como tudo está triste, como tudo
Tão transformado!

Esta estrada que sigo é longa e recta,
Pedregosa, sem fim e sem abrigo;
E eu caminho por ella, de muleta,
Como um mendigo.

Quando fui para a guerra, o sol nascia;
Fiquei com os olhos humidos de pranto;
Minha esposa, meus filhos nesse dia
Choraram tanto!

---

1 *Passaredo,* passarada; bando de passarinhos.
2 *Ambiente,* ar que se respira.

Abandonei a minha pobre terra;
E marchei, sem descanço e sem repouso;
Mas sentindo-me então, antes da guerra,
Victorioso,

Desci montanhas e galguei [1] encostas,[2]
Andei á margem dos despenhadeiros,
Avante sempre, de espingarda ás costas,
Com os companheiros.

Tive amarguras fundas e pezares,
Em companhia dos fieis soldados,
Sobre terras extranhas, sobre mares
Encapellados [3].

E parti para a guerra; mas a sorte
Pródiga [4] e incerta, má e vacillante [5],
Poupou a minha vida expondo-a á morte
A todo instante.

A guerra durou annos; foi renhida [6],
Longa, tão longa, que a julguei eterna;
Uma bala, afinal passou, perdida
Partiu-me a perna.

E aqui me vou por esta estrada recta,
Recta e longa, sem fim e sem abrigo,
Esfarrapado, fraco, de muleta,
Como um mendigo.

1 *Galgar*, correr, saltar sobre alguma cousa, transpor.
2 *Encosta*, ladeira, declive de um monte.
3 *Encapellado*, revolto; diz-se do mar quando está agitado.
4 *Pródiga*, generosa.
5 *Vacillante*, que vacilla; incerta.
6 *Renhida*, disputada.

VAIDADE

Estavam reunidas cinco meninas no campo, a conversar, abrigadas á sombra de uma velha arvore, onde as cigarras cantavam.

Todo o resto da campina estava inundado de sol. Fazia um calor estival [1].

Como eram meninas ricas, e a vaidade é para a maior parte dellas a preccupação constante, falavam a respeito da belleza de cada uma.

Dizia a primeira:

—Eu sou a mais bella de vós todas, porque tenho os cabellos claros e quando o sol os illumina dá-lhes um reflexo dourado. E para mostral-os, ficou em pé de encontro ao sol, cujos raios formaram uma auréola [2] de ouro em torno á sua cabeça.

A segunda disse:

—Não sou menos bella que tu; tenho a cutis [3] fina e rosada como a polpa de um pecego [4].

—Eu tenho as mãos encantadoras.

---

1 *Estival*, de estio, de verão.
2 *Auréola*, circulo luminoso.
3 *Cutis*, pelle do rosto.
4 *Polpa*, a parte mais carnosa (do animal, da fructa).

E assim cada qual enumerava seus encantos, fazendo-os sobresahir do melhor modo possivel, em vez de occultal-os ou disfarçal-os como manda a boa educação e a modestia.

Minhas meninas, nunca vos blazoneis [1] de vossos encantos physicos e do vosso aspecto externo, por mais notaveis que vos pareçam, porque a belleza com que a natureza vos dotou desapparece facilmente com as molestias que se adquirem, com os innumeros accidentes [2] da vida e com a edade.

Deveis ser modestas, educar o vosso espirito nas boas leituras, nos exemplos bons, nos actos nobres, que sereis mais bellas ainda e a sympathia, que decorre da elevação do espirito, dará um imperecivel realce [3] aos vossos encantos.

---

1 *Blazonar-se*, orgulhar-se, jactar-se.
3 *Accidente*, acontecimento, acaso.
2 *Realce*, côr que realça; mais luzimento, mais luz.

O FUGITIVO

(JOGO INFATIL)

(Reune-se um certo numero de creanças, que se prendem umas ás outras pelas mãos, fazendo uma roda. Começam a virar, vagarosamente, da esquerda para a direita, cantando).

Coro

Numa tarde amena e fresca
O rei ordenou marchar
Toda a sua soldadesca
~~Nas alvas~~ praias do mar.

E sob a tarde tranquilla,
Rente ás espumas do mar,
Soldados todos em fila
Começaram a marchar.

Vão marchando em linhas rectas
Numa ordem militar
Ao barulho das cornetas,
Dos tambores ao ruflar.

E quando chegam em frente
Do rei que os estava a olhar,
Fazem respeitosamente
Continencia militar.

O Rei

Que seja preso em corrente,
Lançado ás ondas do mar
Aquelle que em minha frente
Não me saudou ao passar.

(Uma das creanças, que ficou incumbida de fazer o papel de fugitivo, desprende-se da roda, foge e esconde-se).

Coro

Que seja preso o soldado
Que o rei manda acorrentar.
Para depois ser lançado
A's furias bravas do mar.

(Sáem todos apressadamente em procura do fugitivo, agarram-n'o e collocam-n'o no meio da roda).

Coro

Eis aqui o fugitivo
Que o rei se dignou mandar
Trazer em ferros, captivo,
Para ser lançado ao mar.

(E expulsam da roda o fugitivo).

A PRIMAVERA

Desponta clara a manhan;
Os passarinhos em bando
Cortam os ares, cantando
Numa alegria louçan [1].

A primavera derrama
Uma agradavel frescura
Sobre a nascente verdura;
Dá côr ás flores na rama.

O ar festivo do arrebol [2]
Dá-nos as bellas primicias
Das esplendidas caricias
Dos dias claros de sol.

Nasce a rosa; brota a espiga;
O boi vai para o trabalho;
A abelha, de galho em galho,
De grão em grão, a formiga.

---

1 *Louçan* graciosa, viçosa, qne será bem trajada.
2 *Arrebol,* côr vermelha das nuvens feridas pelos raios do sol.

A linda e fresca estação
Vai afugentando em cima
A nuvem que se approxima
Como densa cerração.

De pé em meio á pastagem,
O zagal [1] saúda a aurora
Com a harmonia sonora
Da sua flauta selvagem.

Vaccas que estão a pastar,
Em grupos, pelas campinas,
Respiram pelas narinas
A doce frescura do ar.

Camponios, mal nasce o dia,
Com as enxadas ás costas
Lá vêm descendo as encostas
Para as labutas [2] do dia.

Já despontou a manhan ;
Os passarinhos em bando
Cortam os ares, cantando
Numa alegria louçan.

---

1 *Zagal*, pastor.
2 *Labuta*, lida ; trabalho laborioso.

O CÃO

Alfredinho possuia um cão que se chamava *Lobo*. Era grande como os maiores da sua raça, o pello crespo, inteiramente negro e dotado de uma coragem e força que o faziam temido por todos.

A' noite, quando o soltavam no quintal, *Lobo* escondia-se na sombra dos muros, e ahi ficava, immovel e alerta, á espera dos ladrões. Mas estes, que lhe temiam a ferocidade, não se arriscavam a galgar o muro.

Emtanto este cão, apesar do seu aspecto feroz, dos seus olhos sanguineos e duros, que fitavam tudo com aspereza, e da sua bocca rasgada, guarnecida [1] de dentes afiados, era manso como um cordeiro para o seu pequeno amo, que lhe alizava o pello e lhe dava beijos no focinho.

Viam-n'os sempre juntos, Alfredinho e *Lobo*, amigos inseparaveis, —aquelle, mal sustentando-se nas perninhas fracas, este, ostentando sua corpulencia de fera. A's vezes iam passear juntos até ao campo, e *Lobo* acompanhava o seu amiguinho, seguindo-lhe todos os movimentos, obedecendo a

---

1 *Guarnecida,* enfeitada, adereçada.

todos os seus gestos, num desejo de adivinhar os seus mais infimos [1] pensamentos.

Alfredinho, com ser uma creança de cinco annos apenas, comprehendia esta dedicação e retribuia [2] ao seu amigo do mesmo modo, tratando-o com o maior carinho, zangando-se com os creados si lhe davam uma ração pequena ou si lh'a davam com grosseria.

Certa vez, um homem rico, muito amante de cães, dirigiu-se ao pae de Alfredinho e offereceu-lhe uma somma avultada para a compra de *Lobo.*

O pae recusou-se a vendel-o, dizendo:

— Este cão é o melhor amigo do meu filho, acompanha-o por toda a parte. Si algum dia este digno animal perecer, meu filho não poderá sobreviver-lhe [3], tal será o desgosto que ha-de sentir.

O homem foi-se embora, não sem ter lançado de soslaio [4] um olhar invejoso sobre o cão.

De facto, não havia ninguem que não admirasse *Lobo,* o seu corpo volumoso ornado de um pello crespo e macio, as suas patas enormes armadas de unhas pontudas e curvas, como as de um leopardo [5], e o seu peito largo e forte como uma couraça.

Alfredinho, quando tinha trez annos, era um menino doente, extremamente débil [6].

Seu pae, que o amava muito, fazia-lhe todas as vontades, satisfazia-lhe todos os desejos, com medo de contrarial-o ou aborrecel-o. Alfredinho,

---

1 *Infimo,* que não tem valor; insignificante.
2 *Retribuir,* dar a recompensa merecida.
3 *Sobreviver,* viver após a morte de outrem.
4 *De soslaio,* atravez; de esguelha.
5 *Leopardo,* animal feroz.
6 *Débil,* delicado, franzino, fraco.

porém, dotado de sentimentos generosos e boa alma, nunca abusou, como fazem geralmente as creanças da sua edade, das delicadezas de que era cercado.

Nessa epoca, num dia de muita chuva, em que o vento passava impetuosamente em uivos prolongados, Alfredinho, tremulo de susto, ouviu um gemido triste que vinha da rua. Mandou ver o que era.

— Era um cão muito magro, disseram, e coberto de lepra.

Alfredinho, piedoso como era, pediu ao pae com os olhos cheios de lagrimas que recolhessem o pobre cão, que lhe dessem agasalho.

O cão entrou, encharcado da agua da chuva, tremendo de frio. Seu aspecto era repugnante: magrissimo, as costellas salientes, immundo e coberto de tinha [1].

Todos recusaram-se a recebel-o.

O menino tanto insistiu, chorou e bateu o pé, que o pae resolveu, não sem escrupulo [2] e nojo, ficar com o cão.

Deram-lhe o nome de *Lobo* pelo ar selvagem que tinha.

Pouco a pouco, alimentando-se bem, sujeitando-se ao tratamento da lepra que lhe cobria o pello, o cão foi engordando, e em pouco tempo tornou-se um animal lindo e afagado por todos.

Durante o dia seguia Alfredinho aos passeios, sacudindo a cauda, fazendo-o rir com suas graças; á noite soltavam-n'o no quintal para defender as gallinhas e as hortaliças do assalto [3] dos malfeitores.

---

1 *Tinha*, especie de lepra na cabeça.
2 *Escrupulo*, duvida, receio.
3 *Assalto*, ataque violento, arremettida subita.

O seu pequeno amo, uma manhan, depois de haver pedido licença ao pae, convidou-o a um passeio ao campo, para caçar borboletas e cigarras.

O cão acompanhou-o.

Alfredinho corria pelos atalhos, escondia-se nas touças[1] de verdura, tentando illudir a vigilancia de *Lobo*.

Cançado, porém, de tanto brincar, deitou-se na relva e adormeceu.

O cão deitou-se tambem, alerta sempre contra qualquer perigo, disposto, si fosse preciso, a defender o seu querido amiguinho.

Nesse instante uma cobra traiçoeira, arrastando-se por entre as folhas, approximou-se do logar em que estavam, prompta para picar a creança e matal-a com sua peçonha[2] mortal.

Lobo, que a tinha presentido[3], voltou-se de repente e atacou-a em botes furiosos.

Matou-a. Emquanto a serpente estava estrebuchando no chão, crivada de dentadas, o cão, que tinha sido picado, gemia, penetrado de dores lancinantes[4].

Pobre e fiel animal!

Minutos após, *Lobo*, rojando-se[5] no chão, exgottado de forças, chegou até onde estava o seu amiguinho, lambeu-lhe as mãos carinhosamente e morreu num doloroso gemido.

---

1 *Touça*, touceira
2 *Peçonha*, veneno.
3 *Presentir*, sentir qualquer cousa antes que ella succeda.
4 *Lancinante*, dolorida.
5 *Rojar-se*, andar de rojo, arrastando-se pelo chão.

A YARA [1]

(BALLADA TUPY)

Rio abaixo descia a veloz ygara [2] impellida pelo remo. Um moço tapuio, bello como os mais bellos da sua tribu [3], robusto e valente, cantava á proa, a meia voz, uma canção melancolica, em que dizia os combates que ferira contra as tribus inimigas, as maguas que soffrera longe dos seus, nas perigosas caçadas pelo sertão bravio.

A ygara corria. As águas espumavam em torno.

A tarde ia descendo. Uma tristeza crepuscular [4] invadia as varzeas. Passaros selvagens recolhiam-se em bando, vagarosamente, as azas abertas, cortando o ar em longos e regulares giros.

O sol ha muito tinha cahido. A lua, do alto, espiava, destacando-se [5] na transparencia do azul como uma mancha luminosa.

---

1 *Yara*, genio máu que tem a fórma de uma mulher, segundo a crença dos indios

2 *Ygara*, embarcação tosca dos indios.
3 *Tribu*, porção de indios reunidos.
4 *Crepuscular*, de crepusculo.
5 *Destacar-se*, sobresahir.

« Tapuyo , tapuyo! volta a tua canôa, corta a correnteza das aguas, foge e entra na taba [2] dos teus paes antes que a noite chegue.

Durante a noite, sob a claridade pallida da lua, a Yara apparece á flor d'agua. Ella tem os cabellos louros como as barbas do milho; os dentes brancos como o granizo [3] que cai com as grandes tempestades; os olhos azues como o céu nas madrugadas do estio [4]

Não te approximes della, tapuyo! Em seu palacio encontrarás a morte.

Foge, tapuyo, foge!»

A Yara, á tona do rio, o corpo envolvido na onda dos cabellos de ouro, a cabeça airosa [5] apoiada numa das mãos, tem os olhos fixos no céu, embevecida [6] na contemplação dos astros.

Ha um grande silencio. As folhagens estão mudas; a viração que passa é tão leve, tão branda, que as roça apenas sem as agitar.

A ygara continua a correr, rio abaixo, impellida pelo remo.

A Yara canta:

« Nunca olhos humanos fitaram belleza egual á minha. Minha bocca é perfumosa como a flor do valle rociada [7] da neblina matinal.

Todas as noites, á flor d'agua, accórdo o silencio da matta com as sonoridades do meu canto.

---

1 *Tapuyo*, gentio, selvagem.
2 *Taba*, habitação de selvagem,
3 *Granizo*, saraiva.
4 *Estio*, verão; a estação mais quente do anno.
5 *Airosa*, graciosa.
6 *Embevecida*, enlevada, suspensa.
7 *Rociada*, molhada de rócio, orvalhada.

E quando o somno me vence e me vai obrigando a fechar as palpebras, desço ao meu palacio de ouro, que fulgura no fundo do rio, onde se accumulam os maiores encantos da terra.

O tapuyo appareceu.

Approximou-se cada vez mais, os olhos presos na Yara, fascinados [1] de admiração e espanto, deslumbrados [2] de encantamento.

Prevendo o perigo a que se expunha e a morte horrivel, tentou, com um movimento rapido do remo, voltar a prôa da ygara e fugir. Era tarde. Seus musculos estavam frouxos, seus braços pendiam amollecidos de cançaço. E a Yara foi-se chegando a elle, resvalando de onda em onda..

O tapuyo resiste. Ella agarra-o, envolve-lhe o corpo na tunica longa dos cabellos, e leva-o para o fundo do rio. As aguas abriram-se, espumaram, fecharam-se sobre os dois e foram escorregando pelas varzeas em flor.

---

1 *Fascinado*, encantado.
2 *Deslumbrado*, allucinado.

PRECE

Santa Maria, illuminae
A estrada asperrima[1] que trilho[2]:
Ah! por amor de vosso Filho!
Ah! por amor de vosso Pae!

Aos marinheiros que, no mar,
Temem as syrtes[3] e os escolhos[4],
Dae-lhes a uncção dos vossos olhos,
Dae-lhes a uncção[5] do vosso olhar.

Não peço glorias nem trophéos[6]
Que as amarguras não compensam:
Apenas quero a vossa bençam,
Só, muito embora, ó Mãe de Deus,

O camponez não queira o buz[7]
Dos vossos olhos e nem vol-o

---

1 *Asperrima*, muito aspera.
2 *Trilhar*, andar caminhar.
3 *Syrtes*, bancos de areia no mar, muito perigosos.
4 *Escolhos*, penhascos: pedras debaixo da agua.
5 *Uncção*, acto de ungir.
6 *Trophéo*, victoria, insignia militar.
7 *Buz*, osculo, beijo; signal de reverencia.

Peça, mas peça um ferragoulo[1]
Para cobrir os hombros nús.

Ao miseravel que cahir,
Ao roto, dae-lhes uma tira
Do vosso manto de saphyra[2]
Para as feridas encobrir;

A's noivas pobres, enxovaes;
Ao peccador, ao moribundo,
Dae-lhes o goso do outro mundo
Longe das chammas infernaes.

Dae-nos do vosso olhar a uncção!
E que sejais sempre bemdita
Lá nessa abobada[3] infinita,
O' immaculada[4] Conceição!

Santa Maria, illuminae
A estrada asperrima que trilho!
Ah! por amor de vosso Filho!
Ah! por amor de vosso Pae!

1 *Ferragoulo*, especie de casaco; gibão.
2 *Saphyra*, pedra preciosa azul.
3 *Abobada*, tecto redondo; figuradamente o céu.
4 *Immaculada*, que não tem mancha; limpa, pura.

O ALEIJADINHO

De quando em quando, nos dias de missa ou de festejos religiosos, emquanto o povo estava agglomerado [1] em torno da egreja, o aleijadinho apparecia, arrimado a uma muleta, e ia implorando esmolas com o chapéusinho no ar.

Todos o conheciam e davam-lhe pequenas esmolas, uma moeda, um pedaço de pão, gulodices, a que elle com sua vozinha sympathica agradecia, dizendo:

—Deus lhe pague.

O aleijadinho morava no meio de uma floresta, numa velha choupana coberta de telhas de zinco, com seu pae, que ha muitos annos gemia no fundo do leito, entrevado [2] pela enfermidade.

O filho era o seu unico amparo; levava-lhe a comida á bocca, dava-lhe agua, os medicamentos que lhe aconselhavam para suavizar-lhe as dores; e quando o sustento escasseava [3], lá ia a pobre creança para a povoação, arrastando-se pelas estradas.

---

[1] *Agglomerado*, junto, amontoado.
[2] *Entrevado*, tolhido dos membros; sem poder fazer movimentos.
[3] *Escassear*, faltar; tornar escasso ou minguado.

Pedia esmola aos passeantes e tudo que lhe davam guardava numa saccola.

Entrava pelas casas de familias e desde a entrada ia gritando:

—O aleijadinho!

As creanças corriam a recebel-o, davam-lhe roupas novas, doces, e muitas invejavam a sua existencia humilde, a coragem que tinha de caminhar pela floresta em noites escuras, sem medo aos lobos nem ás feras.

Perguntavam-lhe si havia almas do outro mundo na escuridão da matta; a tudo o pobresinho respondia sorrindo, e contava historias curiosas de passarinhos, das tempestades do inverno, e, intelligente como era, inventava novellas de fadas, castellos encantados, para illudir a miseria da sua vida.

Tirava dos bolsos ovos de passarinhos, ninhos, pedras de varias cores, distribuia tudo entre as creanças, contando historias muito bonitas a respeito de cada objecto.

Ia-se embora apressadamente, para que a noite o não surprehendesse em caminho, e, quando entrava na choupana, começava a mostrar ao pae, muito alegre, as esmolas que havia recebido.

E assim ia vivendo a miseravel creança, de soffrimento em soffrimento, ignorante dos gosos da fortuna, mas tão resignada [1] sempre, que nunca se lhe viu uma lagrima nos olhos nem um gesto de revolta na candura do seu rostinho.

---

1 *Resignada*, conformada; que tem resignação.

Passado algum tempo, como o pobresinho não apparecia mais na aldeia, todos começaram a pensar que as feras decerto o tinham devorado e ao seu velho pae, em alguma noite escura, no silencio da floresta.

Houve nos corações das creanças um enternecimento geral.

Todos o choraram, lhe lastimaram [1] a sorte, e muitas mãosinhas se ergueram ao céu, supplicantes, rogando a Deus repouso para a sua alma.

1 *Lastimar*, deplorar, compadecer-se, dar mostras de dor.

O CURANDEIRO

Christo andava passeando em companhia de São José pelas ruas de uma aldeia, parando deante de cada porta a observar o trabalho de cada um.

Viu um ferreiro que dirigia imprecações [1] contra o céu, porque o fogo da forja não era bastante forte para abrandar o ferro ; um mercador sentado em uma pedra a contar o dinheiro ganho com usura [2] ; um ladrão que passava, de ar humilde de mendigo do templo, esfarrapado e immundo, occultando sob os andrajos o producto do seu roubo ; viu com horror alguns garotos apedrejando um velho estropeado [3] ; cães sem dono, magrissimos, uivaudo de fome pelas ruas, e lazarentos raspando as chagas com cacos de telha.

—Que gente impia [4] ! disse Jesús ao seu companheiro.

---

1 *Imprecação*, maldição.praga.
2 *Usura*, muita economia ; avareza.
3 *Estropeado*, aleijado.
4 *Impia*, que não tem piedade nem religião.

São José abaixou o rosto, sem dizer nada, como si se sentisse envergonhado deante de tanta impiedade[1]

E foram caminhando, de vagar, pelas tortuosas ruas da aldeia.

—Cada homem destes, falou Christo, tocado de compaixão, si é rico, é perverso e cruel; si é pobre, é um revoltado da sorte, que vive a maldizer a pobreza. Parece que um genio máu ou que a colera divina derramou sobre esta miseravel terra a alluvião[2] de todos os peccados. Pobre gente!

—Bem difficil seria arrastal-a ao bom caminho.

—Impossivel quasi, murmurou Jesus; mas, emfim, para que se não diga que a nossa visita foi inutil e sem proveito, vamos ensinar a virtude com o bom exemplo ao primeiro que apparecer.

Nesse instante elles tinham passado deante de uma porta onde um curandeiro se annunciava com grandes gritos, dizendo-se milagroso.

Pararam.

—Christo ouviu o seu pregão[3] e preguntou-lhe:

—Em que consistem as vossas curas milagrosas, e porque é que vos apregoais[4] como o primeiro curandeiro do mundo? Que virtudes têm os vossos remedios e a vossa sciencia? Que ma-

1 *Impiedade*, falta de religião; crueldade.
2 *Alluvião*, enchente; crescimento das aguas.
3 *Pregão*, annuncio; palavras com que se apregoa.
4 *Apregoar*, fazer pregão.

gico vos ensinou tanta sabedoria? Mostrae-me vossas virtudes todas, para que eu vos acredite.

O homem começou a enumerar, com orgulho, as curas que praticára:

—Com oleo de oliva, a que misturei umas preparações, de que eu só guardo o segredo, curei um leproso em poucos dias; concertei a perna a um estropeado; dei vista a um cego e voz a um mudo; uma pobre mulher, que ha muitos annos gemia no fundo do leito, ergueu-se e está hoje san com os remedios que lhe dei. Tenho balsamos [1] para as feridas, oleos para as queimaduras, allivio para as dores, pós para as lepras e collyrios [2] para todas as doenças de olhos.

—Sois, na verdade, muito sabio; porém, por mais prodigiosas [3] que sejam as vossas curas, nunca vos esqueçaes de que o mundo é grande e nelle devem haver homens de sabedoria egual ou superior á vossa.

—Egual, talvez; mas superior, não, affirmou com a natural soberba.

—Vejamos, pois, disse Christo. Aqui está um homem (e apontou para o seu companheiro) que, desde a infancia, tem uma enorme chaga que lhe cobriu a perna inteira e o faz estorcer-se de atrozes [4] dores. Vêde si podeis cural-o.

São José, que já estava prevenido ou tinha adivinhado a intenção do Mestre, ergueu a ponta do manto que o cobria e mostrou a perna, muito

1 *Balsamo*, planta medicinal com que se curam feridas.
2 *Collyrio*, remedio para doença dos olhos.
3 *Prodigioso*, maravilhoso.
4 *Atroz*, barbaro, cruel.

inchada e toda coberta de chagas vermelhas e roxas.

O curandeiro olhou com repugnancia [1] e unctou a perna de S. José com uns oleos frescos e perfumosos.

O Santo começou a gemer de dor, e grossas lagrimas lhe molharam as barbas.

O homem falou:

—Impossivel cural-o. Essas feridas são tão velhas que se radificaram [2] por todo o corpo. Podeis seguir o vosso caminho, infeliz peregino [3], que não encontrareis cura em parte alguma.

Christo, então, disse-lhe:

—Vós nunca soubestes curar. O que não puderam fazer os vossos oleos, faço eu com um gesto.

Passou a mão de manso sobre as feridas de São José, e curou-as immediatamente.

O curandeiro cahiu de joelhos, assombrado.

—Quem sois vós, sonhor, que sabeis obrar tão grandes prodigios [4] e milagres como estes?

—Um pobre peregrino, respondeu Christo, com sua evangelica modestia e religiosa humildade, que anda pelo mundo a alliviar as dores e soffrimentos humanos.

E seguiu com São José seu passeio interrompido.

---

1 *Repugnancia*, nojo.
2 *Radificar*, crear raizes.
3 *Peregrino*, romeiro; que anda em romaria.
4 *Prodigio*, cousa rara, maravilha, milagre.

A UMA CREANÇA

(IMITAÇÃO DE HUGO)

Choras, creança, mas chorar não deves ;
Entre a velhice e as tuas horas leves
E' pequena a distancia ;
Choras debalde ; choras
Porque não sabes, flor, quanto são breves
Da humana vida as horas,
Porque não sabes quanto é bella a infancia !
Tu, cuja vida é um suave paraiso
Adornado de flores,
Da nossa vida misera [1] de dores
Amargas e revezes [2],
Nunca invejes o jubilo [3] indeciso,
Porque teu pranto é menos triste, ás vezes,
Do que o nosso sorriso.
Os teus dias são rosas
Que vicejam, alegres e radiosas [4],

1 *Misera*, mesquinha, miseravel.
2 *Revezes*, infortunios, desgraças.
3 *Jubilo*, alegria, contentamento.
4 *Radiosa*, que lança raios de luz.

Nessas tuas manhans de eternas galas [1];
Nunca as desfolhes, gárrula [2] creança;
Deixa-as em paz, descança,
Deixa que o tempo venha desfolhal-as.

1 *Galas*, luxos, pompas, magnificencias.
2 *Gárrula*, faladora; que fala muito.

O MONGE

Uns mercadores, com suas malas ás costas, caminhavam em direcção á cidade, para vender suas mercadorias. Mas a viagem tinha sido longa e elles estavam cançados.

Tinham atravessado campos, galgado montanhas e sentiam já tanta fadiga, que resolveram sentar-se sobre a relva para descançar. Mas o sol estava muito ardente e elles seguiram adeante. Entraram num bosque onde a sombra era fresca e em cuja entrada havia uma gruta de pedras brutas, illuminada de alvas estalactites [1].

Penetraram, não sem algum receio, cautelosos, porque podia ser um covil de malfeitores.

Tudo estava ás escuras. Mas, logo que se habituaram ás trevas [2] da gruta, viram um monge de joelhos, as mãos postas, a fronte erguida, absorvido [3] nas suas preces.

—Monge, disse um delles; perdoa-nos ter-te interrompido nas tuas meditações. Entrámos em

---

1 *Estalactites,* concreções vitreas; pedras brancas e luminosas que estão suspensas no tecto das grutas.

2 *Trevas,* escuridão.

3 *Absorvido,* embebido, mergulhado.

tua habitação para te pedir abrigo contra os ardores do sol.

—Entrae, viajantes, respondeu o monge mal desperto das suas contemplações mysticas[1] Todos os peregrinos terão aqui seguro abrigo contra as inclemencias[2] do sol e contra as tempestades da noite.

Os mercadores agradeceram, e, como sentissem fome e sêde, falaram :

—Na nossa longa e perigosa jornada[3] a fome devorou nossas entranhas e a sêde seccou nossas gargantas ; mas tu deves estar tão acostumado ao jejum, que em tua habitação nada póde haver.

—Nada ha, de facto, pobres viajantes ; mas o poder de Deus é infinito e a sua misericordia é sem limites. Então, de um gesto, fez jorrar[4] de uma fenda da rocha um grosso fio de agua clara, onde elles beberam até á saciedade[5]; e, arrancando do chão uns calháus que se tranformaram em pães, entregou-os aos peregrinos, dizendo :

—Tomae ; cumpriu-se a divina vontade.

Os mercadores, homens materiaes[6] e rudes, tremeram de susto, receando algum sortilegio[7] diabolico ; mas, ao mesmo tempo, deante da religiosa bondade e aspecto humilde do monge, comeram.

E um delles falou :

---

1 *Mystico*, em que ha mysterio.
2 *Inclemencia*, crueldade.
3 *Jornada*, viagem, longa caminhada.
4 *Jorrar*, rebentar com força.
5 *Saciedade*, fartura ; satisfacção do desejo.
6 *Materiaes*, de materia, estupidos.
7 *Sortilegio*, maleficio, feitiçaria.

—Monge, si tu estás revestido de tanto poder e podes, com um gesto apenas, fazer brotar a agua e transformar em pães os calháus brutos, porque não fabricas tambem o ouro para gosares as delicias da riqueza? E porque vives occulto nas trevas desta gruta, como uma fera, emmagrecido pelos jejuns e cilicios [1]?

—Que errada e falsa comprehensão tendes da vida, meus amigos! Sabei que o ouro serve sómente para corromper [2] os sentimentos, envenenar a alma, e não poderá dar-me os gosos a que eu aspiro. Ao menos, na pobreza em que vivo e que desprezais, sem as preoccupações que acarreta [3] a fortuna e os peccados que ella desperta, posso mergulhar-me inteiramente em minhas preces e na contemplação da divindade.

Os viajantes agradeceram ao monge o generoso acolhimento [4], beijaram-lhe respeitosamente as mãos e partiram.

---

1 *Cilicio*, tecido de arame com puas, que usam os religiosos para mortificar-se.
2 *Corromper*, perverter, apodrecer.
3 *Acarretar*, occasionar, guiar.
4 *Acolhimento*, agasalho, recebimento.

NOITE DE INVERNO

Nunca vi noite como esta agora:
Ai! como é negra, como é sombria.
Fechae as portas á ventania
Que vem de fora.

Passa a rajada [1] cortante e fria;
Correm de brumas compridas levas [2];
Que noite escura! brumas e trevas..
Ave, Maria!

Inquiro [3] as sombras, o ouvido aguço,
E ouço, medrosa, de quando em quando,
Um como choro, tremulo e brando
Como um soluço.

Ai! que pungente [4] pensar que um bando
De pobresinhas creanças nuas,
Corre nest'hora ruas e ruas,
Choramigando [5]

1 *Rajada*, refrega de vento.
2 *Levas*, multidões, bandos.
3 *Inquirir*, indagar, tomar informações.
4 *Pungente*, picante, agudo, doído.
5 *Choramigar*, chorar a miudo e por pouca cousa.

Passa a rajada cortante e fria;
Correm de brumas compridas levas;
Que noite escura! brumas e trevas...
Ave, Maria!

E eu tenho leitos, boas flanellas,
Fogão acceso, carne em tressalhos[1]:
Ai! si eu pudesse dar agasalhos
A todas ellas!

E tenho sustos; o frio corta;
Quero as janellas muito fechadas;
Vejo phantasmas, ouço pancadas
Ferindo a porta.

Genios [2] nocturnos, em negro bando
Calmos e tristes sob as rajadas,
Andam, de certo, pelas estradas
Somnambulando[3].

Nunca vi noite como esta agora:
Ai! como é negra, como é sombria.
Fechae as portas á ventania
Que vem de fóra.

1 *Tressalhos*, pedaços, fatias.
2 *Genios*, espiritos errantes.
3 *Somnambular*, andar sonhando.

A OVELHA

(FABULA)

A ovelha, um dia, muito triste por não ter forças para luctar com os cães que a mordiam, ou armas de defesa contra a ferocidade[1] dos lobos, dirigiu-se a Jupiter e expoz-lhe[2] suas queixas:

—Pae, todos os animaes que vivem sobre a terra, desde o insecto ao pachyderme,[3] têm meios de defender-se contra os ataques; e coragem para provocar as luctas. Eu, porém, sou timida e indefesa[4]: tudo me causa medo. Queria, pois, que me desseis uma arma qualquer.

Jupiter, tocado[5] de piedade, perguntou-lhe:

—Queres um veneno occulto nos dentes, para dar a morte aos que te fizerem mal?

—Oh! não! respondeu a ovelha. Os animaes venenosos são nojentos e causam medo a todos.

—Queres ter na bocca duas fileiras de dentes afiados, como os leões e os lobos?

---

1 *Ferocidade*, braveza.
2 *Expor*, explicar, dizer.
3 *Pachyderme*, animal grande, como o elephante, o hyppopótamo.
4 *Indefesa*, fraca; que não tem força para defender-se.
5 *Tocado*, ferido, sensibilizado.

—Oh! não! Os animaes carnivoros [1] são tão odiosos e antipathicos!

—Queres saber arremetter [2], como os touros, com duas pontas na cabeça?

—Oh! não! Eu causaria terror aos outros animaes, e não seria acariciada pelos pastores.

—Que queres, pois? gritou Jupiter, impaciente.

—Nada, senhor, nada quero. Prefiro viver assim, timida e fraca, porém estimada e afagada por todos.

---

1 *Carnivoros*, animaes que se alimentam de carne, como os lobos e leões.
2 *Arremetter*, investir, atacar.

O MANIACO[1]

Viam-n'o sempre por montes e valles[2], exposto[3] á chuva que lhe encharcava as roupas, ou ao sol que lhe queimava a pelle, curvado, com os olhos fixos no chão, como quem procura um objecto perdido.

Na primavera, quando os rosaes da cerca estavam floridos, os campos verdes e os passarinhos alegres, cruzando-se no ar numa revoada[4] feliz, o pobre rapaz passava, atravessava as campinas, subia as montanhas, indifferente á belleza da paizagem[5], os cabellos voando ao vento.

Quando se sentia muito fatigado, sentava-se na ponta de uma pedra e adormecia.

Alimentava-se de fructas silvestres, bebia agua á nascente dos ribeiros[6], e, á noite, abrigava-se debaixo de uma arvore ou no fundo de uma gruta, como um animal selvagem.

Um camponez, que o conhecia, chamou-o um dia e perguntou-lhe com curiosidade:

---

1 *Maníaco*, louco ; individuo que tem mania.
2 *Valle*, planicie junto a um monte.
3 *Exposto*, patente, que se mostra.
4 *Revoada*, volta da ave que vem voando.
5 *Paizagem*, vista de terras e arvoredos.
6 *Ribeiro*, arroio, rio pequeno.

—O' rapaz! que é que andas fazendo pelos campos e bosques, todos os dias, exposto ao sol e á chuva?

—Procurando thesouros.

—E tens alguma esperança de achal-os?

—Sim, affirmou o moço com convicção[1], correndo os olhos pela extensão[2] das campinas.

—E' melhor, disse o camponio em tom de conselho, que mudes de vida; tu, nesta faina[3] de procurar thesouros, tornas-te um homem completamente inutil, inapto para o trabalho. E' melhor, pois, que te esqueças dos thesouros, que os não ha, e procures outro genero de vida em que aproveites a tua intelligencia e o teu trabalho.

—Não, disse o maniaco, si ha muitos annos dediquei[4] minha existencia á procura de thesouros, é porque tenho certeza de encontral-os.

—Mas como?

—Uma noite, era eu pequeno ainda, estando adormecido em meu leito, appareceu-me uma fada em sonho, que me falou mais ou menos assim: « Tu estás destinado pela sorte a ser o homem mais rico do mundo, e cuja fortuna te facilitará os meios de vencer os maiores soberanos da terra, de conquistar[5] reinos e mares e dominar sobre tudo com o poder do teu sceptro. Legiões[6] inteiras de soldados, vestidos de couraças e armados de lanças, te acompanharão nas conquistas; sobre

1 *Convicção*, prova, persuasão.
2 *Extensão*, comprimento.
3 *Faina*, trabalho.
4 *Dedicar*, consagrar, destinar.
5 *Conquistar*, acção de conquistar, de adquirir pelas armas.
6 *Legião*, esquadrão de tropas, multidão.

os mares terás navios embandeirados, infindaveis [1] dominios [2] em terra, e um exercito de lacaios, [3] ricamente vestidos, que se hão de curvar, submissos [4], á voz do teu mando. Para isso, porém, é necessario que, logo que fiques homem, vás por campos e montanhas, planicies e valles, sem medo ás tempestades nem ás noites, em procura de um incalculavel [5] thesouro que a sorte destinou para enriquecer-te». Assim me disse a boa fada, com uma voz firme e segura, inspirada pela fatalidade do Destino.

Hoje sou um homem ; cumpre-me obedecer-lhe ; e, emquanto não encontrar a fortuna que se accumulou para o meu goso, irei caminhando sempre, mundo fóra, os olhos no chão, as roupas apodrecidas de uso, como um mendigo de estrada.

Dito isto, levantou-se, passeou a vista em torno, curvou a cabeça e partiu.

A noite tinha cahido. A lua, muito clara, appareceu entre as nuvens e inundou os campos com sua luz argentea [6].

O maniaco foi seguindo.

« Infeliz rapaz ! pensou piedoso o camponez, acompanhando-o com os olhos. Quantos tambem não ha no mundo que atravessam uma existencia inutil, tão inutil talvez como esta, incapazes de trabalhar, esperando que a felicidade os venha procurar no sonho, como este louco que pensa encontral-a no solo [7]

---

1 *Infindavel*, que não se finda, que não acaba.
2 *Dominios*, propriedades, riquezas.
3 *Lacaios*, servos, creados.
4 *Submisso*, que se submette, que se abaixa ás ordens de alguem.
5 *Incalculavel*, que se não pode calcular.
6 *Argentea*, de prata ; branca.
7 *Solo*, chão.

A SERPENTE

Um formoso passarinho,
~~Sobre um galho~~, sem receio,
Solfeja[1] um doce gorgeio[2],
Empoleirado no ninho.

Auras[3] que passam, serenas,
Num sopro suave e brando,
Vão as folhagens roçando,
Arrepiando-lhe as pennas.

E no ninho, agasalhado,
O filhote, implume e lindo.
Em silencio está dormindo
Sob o materno cuidado.

Mas em baixo, traiçoeira,
Inspirando[4] horror e nojo,
Uma serpente, de rojo[5],
Por entre a relva se esgueira[6].

---

1 *Solfejar*, cantar.
2 *Gorgear*, cantar como passarinho.
3 *Auras*, brizas, ventos brandos.
4 *Inspirar*, infundir.
5 *De rojo*, acto de arrastar-se pelo chão, como as cobras.
6 *Esgueirar-se*, desviar-se sorrateiramente sem ser sentido.

O passaro canta em cima
Perto do filho, contente.
Em baixo, a feia serpente
Pouco a pouco se approxima.

Olha-o em cima do ninho;
Avança aos poucos, afasta
A relva, entre a qual se arrasta
Caminhando de mansinho.

A ave de cantar não cança
Sua harmoniosa toada[1],
Emquanto a serpe[2], enrolada
Ao tronco, aos poucos avança.

O passaro ouve um ruido,
Sacode as azas com custo
E tenta fugir de susto,
Soltando um triste gemido.

Mas a serpente, medonha,
Num movimento ligeiro
Envolve-lhe o corpo inteiro
Com sua mortal peçonha[3].

E emquanto no ar, de mansinho
O vento perpassa[4], brando,
A serpe vai devorando[5]
O ~~formoso~~ passarinho.

1 *Toada*, som, musica.
2 *Serpe*, serpente, cobra.
3 *Peçonha*, veneno que a cobra guarda nos dentes.
4 *Perpassar*, ir andando; passar adeante.
5 *Devorar*, tragar; comer depressa.

O SINO QUE ANDA

(Imitação de Gœthe)

Era um dia uma creança tão inquieta e travessa, tão amiga dos brinquedos e da ociosidade, que não tinha paciencia de estar por muito tempo ajoelhada na egreja, aspirando o perfume do incenso, sob a luz dos altares.

Quando chegava o domingo, á hora de ir fazer suas orações, achava sempre um pretexto [1] para correr até ao campo, á procura das borboletas e de ovos de passarinhos.

Disse-lhe a mãe um dia:

—O sino chama-te, meu filho, o sino toca, o sino fala-te, o sino prescreve-te [2] os deveres da religião e obriga-te a assistir ás missas; e si continuares a fugir para o campo, um dia o sino ha-de descer da altura em que está e correr atraz de ti.

Mas a creança pensou:

«O sino está tão alto, badalando lá em cima, preso nas paredes da torre !...»

1 *Pretexto*, motivo que se inventa para fazer ou não uma cousa.
2 *Prescrever*, determinar; ordenar o que se hade fazer.

E seguiu adeante, correndo pelos atalhos e devezas [1], avido [2] de ar e de liberdade.

Mas que medo, meu Deus! que terror lhe arrepia os cabellos e lhe empallidece o rosto. Numa curva do caminho o sino apparece, andando como si tivesse pernas, a ralhar como si tivesse bocca. A pobre creança, desesperada, corre de um lado para outro, tropeçando nas pedras, rasgando-se nos espinhos.

E o sino cai. O pobresinho corre, corre sempre, toma a direcção da egreja e entra, mal accordado do susto. Desde esse dia, quando chega o domingo, ou algum dia de festa, elle é o primeiro a ir á egreja, obedecendo ao primeiro toque do sino, sem ser preciso que ninguem o convide.

1 *Devezas*, mattos, selvas.
2 *Avido*, desejoso; que sente muito desejo.

IZABEL

Izabel era uma menina de dez annos mais ou menos.

Desde a mais tenra [1] infancia já mostrava o seu caracter vaidoso, um desejo de apparecer, de realçar [2], sobresahir [3] entre as demais.

Nessa edade tinham-se aguçado [4] tanto as suas más qualidades e se accentuado a sua tendencia para o apparato, que toda a vez que lhe faltava um enfeite ao seu vestido ou uma fita ao seu chapéu, revoltava-se [5], batia o pé, e, apesar de bonita, graciosa mesmo, e de um aspecto agradavel, nesses momentos de colera parecia feia e só inspirava repulsão [6] e antipathia.

Sua mãe, mulher de costumes simples e de boa alma, educada na eschola do carinho e da religião, tinha um grande desgosto com isso, e muitas vezes surprehendiam-n'a [7] com o rosto entre os joelhos, chorando, afogada em soluços.

---

1 *Tenra*, branda, molle, muito delicada.
2 *Realçar*, ter maior lustre.
3 *Sorbesahir*, realçar.
4 *Aguçar*, afiar, avivar.
5 *Revoltar-se*, ficar irritado, zangado.
6 *Repulsão*, acto de repellir.
7 *Surprehender*, apanhar alguem descuidado.

Chamava a filha para junto de si, sentava-a no collo, anediava-lhe os cabellos, num gesto bom de maternal ternura; dava-lhe bons exemplos, ensinava-lhe o caminho do bem, com uma paciencia e resignação [1] de que só são capazes as mães extremosas [2].

Certo dia, Izabel approximou-se de sua mãe e disse-lhe:

—Mamãe, ha já alguns dias que resolvi abandonar todas as minhas amigas actuaes [3], porque ellas me parecem tão insignificantes [4]!

—Fazes mal, minha filha, falou a mãe com tristeza. Entre as tuas amigas e companheiras ha algumas de bons costumes e dignas da tua amizade. Não as abandones.

—Vou deixal-as, sim. Conheço uma menina que é melhor que todas ellas. Chama-se Marieta. E' elegante como nenhuma, graciosa, espirituosa, veste-se á ultima moda, e é o alvo da inveja no circulo das minhas collegas. Quero andar em companhia della, para que todo o seu encanto reflicta [5] sobre mim e eu seja invejada tambem.

A' mãe humideceram-se-lhe os olhos de lagrimas. Envolveu a filha com um olhar de censura [6] e, antes que uma reprehensão violenta lhe sahisse da bocca, chamou a menina para junto de si e falou-lhe com brandura:

---

1 *Resignação*, submissão.
2 *Extremosa*, affectuosa; que ama em excesso.
3 *Actual*, presente; da épocha presente.
4 *Insignificante*, que não tem valor; infimo.
5 *Reflectir*, fazer reflexo sobre alguma coisa.
6 *Censura*, acto de dizer a alguem palavras que o corrijam.

—Certa vez uma semente de arbusto, na approximação da primavera, ainda estava solta sobre a terra, sem coragem de ahi deitar suas raizes, receando crescer ao relento [1] ou sob os ardores do sol. Então deixou-se rolar ao vento, e foi indo, foi indo, até chegar-se ao pé de uma pequena arvore, que ostentava sua galharia verde e exuberante [2] á margem de uma cisterna [3]

Debaixo de sua folhagem havia uma sombra fresca onde crescia um viçoso musgo que se espalhava em feitio de velludoso [4] e macio tapete.

Foi ahi o logar em que a semente resolveu plantar-se.

Plantou-se, creou raizes e cresceu.

Foi crescendo pouco a pouco. Dia a dia iam-lhe rebentando novas folhas, novos brotos, novos galhos, até que, quando a primavera veiu e invadiu [5] a campina inteira, encontrou o arbusto numa florescencia [6] bonita, sorrindo numa radiação [7] de mocidade.

O arbusto, como era muito debil e não tinha forças para luctar contra a violencia da ventania, foi extendendo os braços e agarrou-se ao tronco da arvoresinha, que lhe servia de arrimo.

Aconteceu, porém, que numa noite de tempestade e de trovões, um raio maligno [8] cahiu

---

1 *Relento*, humidade do ar.
2 *Exuberante*, superabundante, em grande abundancia.
3 *Cis'terna*, poço; buraco onde se deposita a agua da chuva.
4 *Velludoso*, de velludo; macio como velludo.
5 *Invadir*, entrar.
6 *Florescencia*, acto da florescer.
7 *Radiação*, muito brilho.
8 *Maligno*, de máu caracter; máu.

com grande estrondo e cortou a arvore. O arbusto encolheu-se de medo, mas salvou-se.

No outro dia rompeu o sol, e o seu calor era tão intenso [1] que crestou [2] as folhinhas da pobre planta, lhe queimou o tronco, lhe seccou a seiva [3] e a matou.

—Ahi está a minha historia, minha filhinha ; ella servirá de exemplo para te corrigires. Nunca procures ter o valor que te emprestam os grandes, porque si elles morrem ou decaem [4] do poder e da grandeza, tu cahirás tambem como o pequeno arbusto, humilhada pelo desprezo de todos. Será melhor, pois, que tenhas o valor que te dão as tuas proprias qualidades, tuas proprias virtudes, e faças por sobresahir por teu proprio esforço.

Dahi em deante Isabel corrigiu-se e hoje é uma excellente menina, querida e sympathisada por todos.

1 *Intenso*, activo, forte.
2 *Crestar*, tostar, queimar na superficie.
3 *Seiva*, succo dos vegetaes.
4 *Decahir*, declinar do que era dantes.

O VADIO

Mario era um rapazola
Feio, falador, sem brio,
O mais brigão e vadio
Dos estudantes da eschola.

Era castigado e preso
Por praticar desatinos [1],
O professor e os meninos
Tratavam-n'o com desprezo.

A licção ficava mudo ;
Buliçoso, mau e arteiro [2],
Sempre entornava o tinteiro
Em sua mesa de estudo.

Tinha gagueiras [3] na fala ;
Trazia a cara e as mãos sujas ;
Desenhava garatujas [4]
Pelas paredes da sala.

---

1 *Desatinos*, actos de louco.
2 *Arteiro*, que faz travessuras.
3 *Gagueira*, difficuldade na fala.
4 *Garatujas*, figuras mal feitas.

Tinha a arrogancia [1] travessa
De entrar na eschola cantando,
O olhar altivo, fumando,
E de chapéu na cabeça.

Narrava [2], ao entrar, com sua
Voz, que fazia severa,
As disputas que tivera
Com os garotos da rua.

Fazia-se mau, irado,
O mais valente da troça,
Mostrando a bengala, grossa
Como um bastão de aleijado.

Com maus modos e vaidade,
Cerrava os labios, num momo [3],
E ao mestre saudava, como
A um rapaz da sua edade.

Vivia só, sem amigos,
E, por fazer travessuras,
Só merecia censuras,
Reprehensões e castigos.

Hoje, como é inda aquelle
Que sempre foi desde a infancia,
E' um homem sem importancia:
Todo o mundo foge delle.

---

1 *Arrogancia,* altivez, insolencia.
2 *Narrar,* contar, dizer um caso.
3 *Momo,* tregeitos que se fazem com os labios.

PATRIOTISMO

Eram poucos já os soldados que defendiam a fortaleza [1], ultimo reducto [2] aonde se foram abrigar para fugir á morte.

Eram os derradeiros homens que restavam.

O exercito, que tinha ficado em terra, foi barbaramente destruido pelo impeto [3] inesperado [4] do inimigo, superior em numero e em armas.

Os destacamentos [5] todos foram atacados ferozmente e aprisionados os miseros [6] soldados. Alguns, passados pelas armas; outros, mais maliciosos, conseguiram fugir sob a chuva das balas; muitos cahiram na fuga, mortos, ou arrastavam-se, feridos.

Um vaso de guerra, apesar de sua couraça de aço e que todos julgavam inexpugnavel [7] recebeu em pleno costado [8] uma bala e desappareceu nas ondas.

---

1 *Fortaleza*, construcção de pedra em que se defende a entrada de uma cidade.
2 *Reducto*, pequena fortaleza.
3 *Impeto*, impulso, violencia.
4 *Inesperado*, que se não espera.
5 *Destacamento*, corpo de tropas destacado do exercito.
6 *Misero*, miseravel, infeliz.
7 *Inexpugnavel*, que se não pode tomar á força de armas; invencivel.
8 *Costado*, dorso do navio.

Nada mais restava, pois, de toda a força armada, para resistir ao embate [1] do inimigo, que aquelle punhado de soldados heroicos, [2] embriagados de polvora e de colera, que, por traz das muralhas [3] da fortaleza, se abrigavam da fuzilaria [4] inimiga.

A muralha era alta, toda de pedra e cal. As balas que vinham raspavam pelas pedras, arrancando-lhes estilhaços [5].

Os soldados encolhiam-se por traz do muro. Si algum, imprudente ou curioso, erguia a cabeça, para ver o movimento e a approximação dos navios, cahia immediatamente crivado de balas.

A situação era angustiosa [6] e desoladora.

Mas no centro da fortaleza, erguida no topo do mastro, dominando o mar, ainda se ostentava a bandeira, tremulando [7] ao vento, como ultimo soluço da patria. Em torno della gemiam os moribundos [8], choravam os desesperados e estorciam-se os feridos.

Houve um momento em que uma bala certeira cortou a corda a que a bandeira estava suspensa; esta soltou-se, equilibrou-se no ar, desdobrou-se ondulando [9] ao vento, e foi cahindo aos poucos.

O capitão agarrou-a, beijou-a repetidas vezes, enxugou com ella o pranto que corria dos seus

1 *Embate*, choque de um corpo no outro.
2 *Heroico*, valente, corajoso.
3 *Muralha*, muro forte.
4 *Fuzilaria*, tiros de armas de fogo.
5 *Estilhaços*, lascas de pedras.
6 *Angustiosa*, dolorosa.
7 *Tremular*, tremer, oscillar.
8 *Moribundo*, o que está prestes a morrer.
9 *Ondular*, fazer ondas; ter o movimento das ondas.

olhos e o sangue que vertia das suas feridas, e dirigindo-se aos seus companheiros de infortunio [1], disse :

—Qual de vós, caros irmãos de armas e valentes camaradas; qual de vós terá a coragem de subir áquelle mastro, para prender de novo esta amada bandeira, symbolo da nossa patria ?

Todos gritaram ao mesmo tempo, anciosos por arriscar a vida, e desejosos de praticar esse tão nobre e perigoso acto.

O capitão tirou á sorte. Coube a um menino a horrivel missão [2]

A pobre creança á primeira impressão empallideceu ; mas, depois, sorriu, ergueu os olhos ao céu e chegou á presença do capitão.

O capitão entregou-lhe a bandeira.

Elle tomou-a, prendeu-a á corda e subiu o mastro, heroicamente [3]

As balas zuniam-lhe aos ouvidos. As granadas [4] atiravam-lhe estilhaços... Amarrou de novo a bandeira no alto, soltou-a ao vento e —cahiu morto.

---

1 *Infortunio,* infelicidade, desgraça.
2 *Missão,* o acto de enviar.
3 *Heroicamente,* de modo heroico ; corajosamente.
4 *Granada,* projéctil de canhão.

O AVARENTO

Compareceu perante o juiz um avarento e queixou-se, com expressões de lastima, de que um homem, ha muitos annos, lhe devia uma certa somma da qual só tinha pago os juros[1]

—Vai chamal-o, disse o juiz, traze-o á minha presença. Quero saber porque é que elle te não pagou ainda, e não posso condemnal-o sem ouvil-o.

O avarento sahiu e, logo depois, trouxe o devedor pelo braço, insultando-o e maltratando-o com crueldade.

—Eil-o aqui, senhor juiz. E' um mau homem, um pessimo visinho, que não tem nenhuma comprehensão do dever, que não respeita as leis e que não me pagou ainda o dinheiro que lhe emprestei generosamente.

—Fala agora tu, devedor, ordenou o juiz. Porque é que não pagaste a este homem o que lhe devias?

—Senhor! balbuciou o homem humildemente, eu devia-lhe cem sequins[2] que elle me emprestou.

---

1 *Juros*, lucros por dinheiro emprestado.
2 *Sequim*, moeda de ouro.

Paguei-lhe a metade. Depois, como não lhe pudesse pagar o resto, elle cobrou-se por suas proprias mãos, apropriando-se das minhas terras, vendendo os meus fructos, roubando o meu camelo e despojando-me [1] das minhas roupas. Hoje nada mais tenho sinão estes andrajos que cobrem o meu corpo e estas mãos para pedir esmolas.

Então o juiz, compadecido pela miseria daquelle pobre homem e revoltado contra a avareza do credor, voltou-se para este e perguntou-lhe:

—Que mais queres deste homem? Já o reduziste [2] á mais negra miseria. Sê um pouco piedoso, desperta na noite de tua alma algum sentimento generoso. Deixa-o ir em paz.

—Não, senhor juiz.

—Mas de que modo queres que elle te pague?

—Quero que elle venha para minha casa, para servir-me como escravo, até pagar os juros que me deve.

1 *Despojar*, privar, despir.
2 *Reduzir*, resumir, diminuir.

O RIBEIRINHO

O arroio fresco, em remanso [1],
De curva em curva, em marulhos [2],
Num leito de pedregulhos
Escorregava de manso

Em quédas lentas e bolhas
Sob a arqueada [3] galeria [4]
Da folhagem, que o cobria
Com um tecto verde de folhas.

E bocejava de somno
Entre a douda garridice [5]
Dos roseiraes da planice,
Num descançado abandono.

Valle abaixo, sem esforço,
Folhas levava e raizes,
Como embarcações felizes
Que lhe singravam [6] o dorso.

1 *Remanso*, agua com pouco movimento ; descanço.
2 *Marulho*, barulho de ondas.
3 *Arqueada*, feita em fórma de arco ; abobadada.
4 *Galeria*, lanço de edificio coberto e espaçoso.
5 *Garridice*, galanteria, peraltice.
6 *Singrar*, navegar.

A' tarde, em vôo ligeiro
Vinham, as azas ruflando [1],
Os passarinhos em bando
Beber d'agua do ribeiro.

Assim vivia o riacho [2],
Dando de beber ás aves,
Descendo em giros suaves
Campos e valles abaixo.

Mas chorava a todo instante,
Tinha desgostos e maguas
Por não possuir tantas aguas
Como um affluente [3] gigante.

Queria ser como os rios
De grossas aguas redondas,
Que podem erguer nas ondas
Embarcações e navios;

Ser um rio soberano
Que terras alaga, invade,
E em noites de tempestade
Tem vagalhões [4] de oceano.

E penetrado de dor,
Soltando queixas e maguas,
Vai levando suas aguas
Pelas campinas em flor.

---

1 *Ruflar*, florear no tambor; rufar.
2 *Riacho*, ribeiro, rio pequeno.
3 *Affluente*, rio qne desagua em outro.
4 *Vagalhões*, ondas grandes qne se levantam no mar.

O SENHOR CURA

O senhor cura era o homem mais caritativo [1] e generoso que havia na aldeia.

Velho já, os cabellos brancos como a neve, quando o viam atravessar as ruas, a cabeça tremula, o passo incerto, a velha batina de panno grosseiro cheia de rasgões e remendos, os aldeões acompanhavam-n'o com olhar respeitoso e cumprimentavam-n'o, sorrindo.

As creanças corriam a tomar-lhe a bençam. Elle afagava-as, alizando-lhes os cabellos; perguntava pela saúde dos paes e dava-lhes moedas em cobre. Todos o amavam.

Quando uma rapariga se ia casar, partia o cura a visital-a, a dar-lhe bons conselhos, como si fosse pae. Si a moça era pobre, o cura ia de casa em casa angariando [2] esmolas e presenteava-a com o enxoval e objectos uteis.

A' cabeceira do doente, era, ao mesmo tempo, medico e enfermeiro : —preparava as tisanas [3] e applicava-as. No leito do agonizante era con-

---

1 *Caritativo*, caridoso ; que faz caridade.
2 *Angariar*, pedir, attrahir com boas palavras.
3 *Tizanas*, bebidas medicinaes.

fessor e amigo : —aconselhava ao arrependimento, ensinando o caminho do céu, e chorava aos primeiros anceios da agonia.

Nas horas vagas, depois de haver rezado e feito as suas obras de caridade, ensinava ás creanças a doutrina christan e dava-lhes gulodices.

A' noite, quer nas chuvas do estio ou no frio do inverno, ia visitar a miseria da aldeia. A este dava o azeite para a lamparina, áquelle um pedaço de pão, e a todos, em geral, bençams, conselhos e carinhos.

E no emtanto, quanta vez a velha creada que o servia não o ia encontrar sentado á beira da estrada, morto de fadiga e quasi moribundo de fome ! Ralhava-lhe então com palavras affectuosas e amargas :

— Isto já não tem geito ! Viver por ahi a soccorrer a pobreza, a pedir esmolas para dar aos outros e não se lembrar de que é pobre tambem, que está com a batina em trapos, o calçado roto e que em casa não ha nem uma côdea [1] de pão para a nossa bocca ! E' de mais ! Vamos, saia dahi, apoie-se em meu braço e vamos para casa ! Até parece que Deus vira seu santissimo rosto !

E lá iam os dois, estrada fóra, de braços dados, como dois mendigos.

Era assim o pobre cura — bom até á dedicação, caridoso até ao sacrificio.

Houve um dia em que uma febre contagiosa [2] e mortal atacou os habitantes do logar.

1 *Côdea*, pedaço rijo do pão.
2 *Contagiosa*, que tem ou produz contagio.

Os ricos fugiram; alguns abandonaram suas casas; muitos, porém, preferindo morrer da febre a soffrer miseria em terra extranha, ou, talvez, na esperança de ser protegidos pela providencia, deixaram-se ficar na aldeia, a trabalhar.

Quem passava pela rua ouvia no interior das casas gemidos de dor e gritos de desespero.

O cura, então, sahiu, foi de casa em casa em soccorro dos doentes, consolando os afflictos, confessando os agonizantes [1], sempre solícito, sempre carinhoso, sem se importar com o cançaço que lhe invadia o corpo e nem com a fome que lhe devorava as entranhas.

Houve um instante em que, não podendo mais soffrer o cançaço e a fome, se deixou cahir no chão, e, tirando do bolso um pedaço de pão duro, dispoz-se [2] a comer.

Um mendigo, que passava, pediu-lhe a bençam e disse-lhe:

— Senhor cura, estou quasi morto de fome e mal posso sustentar-me nas pernas. Soccorrei-me.

— Toma, pobre homem, este pedaço de pão. E' o unico que me resta, mas a minha fome está satisfeita. —Toma.

O mendigo comeu e partiu.

Minutos depois o velho cura tinha morrido.

---

1 *Agonisante*, que está em vesperas de morrer.
2 *Dispôr-se*, resolver-se, preparar-se.

O SABIÁ DOENTE

Era pequeno ainda o sabiá, quasi implume [1], quando cahiu do ninho onde nasceu. Curioso, invejando o vôo de outros passarinhos menores que elle, tentou tambem voar:—abriu as azas mal empennadas, fez um esforço e cahiu. Ao cahir, foi resvalando pelos galhos, pelas folhas da arvore, de modo que a quéda foi pequena e não o maguou.

Quando cahiu na gramma, começou a ensaiar o vôo para subir de novo até ao ninho, arrependido de o ter deixado, piando, piando de medo.

Um homem, que passou, levou-o comsigo.

O passarinho cresceu preso na gaiola.

A' tarde, quando os outros passaros cortavam o ar em busca do repouso, elle sonhava com a tepidez [2] do ninho escondido num galho, perdido no meio do bosque. Leguas em redor tudo era verde, coberto de folhagens que o vento agitava.

Além, escorregava entre fileiras de murtas, limpido [3] e fresco, um arroio sobre um leito de

1 *Implume*, que não tem pennas ainda.
2 *Tepidez*, estado de tépido, de morno.
3 *Limpido*, limpo, puro.

seixos [1] O ar livre do campo, a frescura das manhans, o marulho das folhas, tudo accudia [2] ao seu espirito, o fazia sonhar por muito tempo, arrancando-lhe da sonora garganta as mais angustiosas [3] queixas.

E com a cabecinha no ar, os olhos cerrados, os nervos agitados de commoção, traduzindo a tristeza que o invandia, cantava, cantava horas inteiras, ás vezes triste, alegre ás vezes, executando [4] escalas e gorgeios ou prolongando numa nota toda a amargura de sua alma.

Os que lhe ouviam o canto, paravam a escutal-o, encantados.

Assim viveu o sabiá por muitos annos, sempre preso, sem conhecer a liberdade de que gosam os outros passaros que elle via atravez da grade, a uma vertiginosa [5] altura, espalhados pelo azul.

Voar! Quem lhe dera tambem um dia em que a porta da prisão amanhecesse aberta, fugir, e, de azas extendidas, voar, voar, ir muito alto, muito alto, e gosar, até á embriaguez [6], da vertigem [7] de luz que deve haver lá em cima!.

E o pobre passaro sentia no corpo estremeções [8] de ancia, agitações [9] de desejo, e abria as azas; mas a illusão desfazia-se e elle fechava-as

---

1 *Seixos*, calhaus, pedras.
2 *Acudir*, vir ao chamamento de alguem.
3 *Angustiosa*, que causa angustia; dolorosa.
4 *Executar*, exercer, pôr em execução.
5 *Vertiginosa*, que causa vertigem, desmaio.
6 *Embriaguez*, acto de embriagar-se, estado de atordoamento.
7 *Vertigem*, desmaio.
8 *Estremeção*, movimento de quem treme; tremores.
9 *Agitações*, inquietações.

de novo, recolhendo-se á sua tristeza de encarcerado [1]

Então pensava que, quando ficasse velho e sua voz se tornasse rouca, haviam de apiedar-se [2] delle e dar-lhe a tão desejada liberdade. Vivia dessa esperança.

Envelheceu. Sua vista foi-se escurecendo aos poucos. O sabiá estava cego.

Uma manhan, passeando pelo chão da gaiola, approximou-se da porta, como de costume, a sentir si estava aberta.

Estava aberta a porta.

Poz a cabecinha de fóra, aspirou o ar, agitou o corpo, sacudiu as azas entorpecidas pela velhice e quiz voar. Mas, como já estava cégo, teve receio de bater-se contra a parede, no impeto do vôo, em vez de tomar a direcção do campo ; então recolheu-se de novo e chorou abundantemente [3].

Dahi em deante nunca mais da sua sonora garganta sahiram os gorgeios de outróra.

---

1 *Encarcerado*, que está preso num carcere.
2 *Apiedar-se*, ter piedade ou dó de alguem.
3 *Abundantemente*, com abundancia; em grande quantidade.

INDICE

Brasiliana USP

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliana@usp.br).